

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura

Alberto Braga



Contos da Aldeia



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Alberto Braga

Contos da Aldeia

Atualização ortográfica
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1916.

**Alberto Leal Barradas Monteiro Braga
(1851 – 1911)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 401



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Alberto Braga: “*Contos da Aldeia*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

RESUMO BIOGRÁFICO

Alberto Braga nasceu em Foz do Douro, Portugal, em 1851. Faleceu na cidade do Porto no ano de 1911, vítima de tuberculose.

Foi secretário do Instituto Comercial de Lisboa. Ao longo da sua carreira assinou diversas crônicas literárias em jornais portugueses e brasileiros. Como autor, escreveu peças de teatro e livros de contos sendo reconhecido pelo seu estilo direto e claro, pela sobriedade na escrita e pelo tom sentimental que imprimiu a algumas das suas obras. Desenvolveu peças teatrais com uma forte raiz romântica e com pendor naturalista. Foi diretor da revista *A semana de Lisboa* (1893-1895) e colaborou em várias publicações periódicas, nomeadamente nas revistas *Brasil-Portugal* (1899-1914), *Ilustração portuguesa* (1903-1980), *Serões* (1901-1911) e *A risota* (1908).

Obras:

Contos da Aldeia (1916), *Contos da Minha Lavra* (1879), *Os Confidentes* (1887), e teatro: *A Estrada de Damasco* (1892), *A Irmã* (1894), *O Estatuário* (1897).

Wikipédia
Julho, 2014 (editado)

ÍNDICE

A GUERRA.....	1
A VOLTA DAS ANDORINHAS.....	6
A SESTA DO AVÔ.....	11
O GALO PRETO.....	15
ESTÁ NO CÉU!	22
O RETRATO DOS PAIS.....	26
O SERMÃO.....	36
ÀS CEREJAS.....	41
O JANTAR DO NATAL.....	47
VINHOS E ÁGUAS-ARDENTES.....	53
AS ARRECADAS DA CASEIRA.....	57
O ANACREONTE DE CANDEMIL.....	62
O ABANDONO DO MOINHO.....	66
O SONHO DA NOVIÇA.....	71

A GUERRA

Logo abaixo dos açudes, ficava de uma banda do rio a azenha do Eusébio moleiro, e da margem oposta, um pouco mais abaixo, a azenha do tio Anselmo.

Eram dois velhotes viúvos, de bons sessenta anos, e amigos desde crianças. Para contradição do anexim popular, estes dois moleiros queriam-se como dois irmãos, a despeito de serem do mesmo ofício.

Parece que o rio, naquele sítio, era até mais pitoresco! Por detrás das azenhas descia a infesta de uma cerrada deveza de carvalhos e sobreiros, com o atalho aberto ao meio, que era por onde seguiam os machos carregados com os taleigos da fornada. Mesmo à ourela havia alguns amieiros e choupos, que se debruçavam sobre o rio. As águas caídas nos açudes, vinham costeando uma gandara, escondiam-se em meio de um canavial, e surgiam depois mais límpidas até às rodas do moinho, que as marulhavam e batiam constantemente.

No verão, quando a levada era minguada, os dois velhotes visitavam-se a miúdo, atravessando destemidamente pelas poldras; mas, quando as chuvas do outono principiavam a tornar o rio caudaloso, limitavam-se então a falar de um lado para o outro. Era triste! Já tão velhotes! E depois dizia o Eusébio:

— Anselmo, fala mais alto, que te não ouço.

— O que é? — perguntava o outro, inclinando o pavilhão da orelha.

O Eusébio fazia um porta-voz com as mãos, e gritava:

— Não te entendo.

Quando chegavam a falar, concordavam sempre que era o barulho das rodas do moinho, que os não deixava ouvir. Isso sim! Era o peso dos anos que os tinha quase surdos de todo. Pobres velhos!

O Eusébio tinha um filho, que era um rapagão de vinte e dois anos, como um castelo! Ainda o dia vinha longe, já ele estava a trabalhar, que era um regalo a gente vê-lo.

— Lida como um mouro! — diziam os conhecidos.

E se havia esfolhada, ou espadelada, quem lá não faltava era ele.

O pai, que, em outros tempos, tinha sido um folião, dizia-lhe, à boca da noite:

— Simão, se tens de ir a algures, parte, que eu cá fico, para aviar os fregueses.

— Estava arranjado! — respondia o moço a rir. — Vocemecê já deu o que tinha a dar. Agora coma e beba, e deixe-me cá com a vida!

Primeiro que tudo estava a sua obrigação. O rapaz assim que não tinha mais fregueses a aviar, fechava a ucha do moinho, e partia então para a brincadeira.

E o velhote do pai, quando alguém lhe contava as diabruras do filho, parece que até a alma se lhe ria na menina dos olhos.

O Anselmo tinha uma filha. Chamava-se ela Margarida, e era formosa, daquela formosura campesinha, sem artifício, jovial e expansiva. Em dotes do coração — que é a principal beleza! — nem as mais virtuosas a excediam.

Desde pequenina foi Margarida criada com Simão. Se não ficasse mal estabelecer agora paralelos já sabidos e repetidos, estava em dizer que os dois se queriam e estimavam como *Paulo e Virgínia*.

Quando os quinze anos de Margarida, que era mais nova dois do que Simão, vieram pôr termo aos brinquedos de infância, então principiou ele a olhá-la com aquele respeito com que se olha para uma irmã mais velha.

Mas vá-se desde já sabendo que esse respeito não estorvava, antes acrisolava um outro sentimento, que principiava a exercer e a avultar no generoso coração do rapaz.

Margarida, quando Simão lhe falava na sua tristeza e no seu amor, fingia-se contrariada, carregava o sobrolho e mudava de conversa. Destas esquivações repetidas ateou-se o fogo da paixão na alma do moleiro.

— Margarida — dizia-lhe ele de uma vez — se não quiseres casar comigo, hei de morrer solteiro.

— Não te faltam mulheres, Simão.

— E se te vejo ser de outro — protestava o rapaz com as lágrimas nos olhos — não sei que faça, que me não mate.

E Margarida era tão cruel, que assim desprezasse o seu amigo e companheiro de infância?!

Nós veremos já até onde vai a dedicação de uma mulher.

* * *

Isto passava-se no tempo em que se guerreavam os partidos de D. Pedro e de D. Miguel.

Quando às aldeias chegavam notícias aterradoras, as mães estremeciam ao contemplar os filhos afadigados na lavoura.

— De mortos nem a conta se sabe! — diziam os mensageiros. Vai por aí a fim do mundo!

— Jesus, Senhor! E então diz que é guerra de irmão contra irmão! Valha-nos Deus!

De uma vez, oito soldados e um furriel pararam à porta da azenha do Eusébio. Passado um instante, a gente da aldeia chorava com brados aflitivos, vendo o Simão do moleiro atravessar no meio da escolta com os braços presos, como um degredado! O velho, assim que lhe arrebataram o filho, ainda tentou abraçá-lo; mas — coitadinho! — como já lhe custava a andar, quando chegou à porta, ia o rapaz a subir a encosta.

Aos gritos da vizinhança acudiu Margarida ao postigo da azenha. Perguntou o que tinha acontecido da outra banda; e, quando lhe disseram que o Simão tinha sido levado para a guerra, a pobre rapariga soltou um grito agonizante e caiu desfalecida nos braços do pai.

As águas tinham engrossado com as últimas chuvas, e os dois velhos, quando se avistavam de longe, desatavam a chorar, como duas criancinhas!

Decorridos oito dias, a gente da aldeia acordou sobressaltada com o tiroteio, com o rufo das caixas e o som dos clarins. Feria-se uma batalha a pequena distância.

Quando a tropa ali passou, todos viram o Simão moleiro, que parecia outro! Ia magro, esfalfado, com os sapatos rotos, coberto de pó, a espingarda ao ombro, a mochila às costas e a chorar! Ao passar rente das casas ia saudando os conhecidos, e dizia às raparigas que pedissem a Deus por ele.

Saiu do povoado sem ter visto o pai nem Margarida. Levava o coração retalhado!

Assim que a filha do Anselmo o soube, quis logo ir ter aonde pudesse falar-lhe.

— Isso, Deus te livre! — disse-lhe do lado uma vizinha. — Se lá vais, lá ficas! E, de mais a mais, teres de falar com soldados! credo!

— Lá isso — atalhou a moça — também o Simão é soldado, tia Joaquina!

Ao fim da tarde principiaram a chegar as ambulâncias dos mortos e feridos. Vinham apinhados, uns com as cabeças ligadas, com as faces empastadas de sangue, outros com os braços ao peito, mutilados, outros com as pernas partidas, quase todos moribundos!

Nunca se tinha visto uma cousa assim! Aos gemidos dos feridos reuniam-se os clamores da gente que se aglomerava para os ver. Destacavam-se algumas frases das ambulâncias:

— Ai! minha pobre mãe!

— Ai! meus ricos filhos!

E as mulheres, quando isto ouviam, de cada vez choravam mais.

Alguém dentre o povo ouviu gemer de uma das carretas da ambulância:

— Meu... pai! Marga... rida! Eu morro!

E viu-se que um dos feridos, que ia reclinado, deixou pender a cabeça sobre o peito, e descair um braço fora do carro.

Os artilheiros que levavam pela camba dos freios os cavalos insofridos, voltaram-se para uma formosa rapariga que os interrogava aflita. O retinir das molas da carreta, rodando nas lajens irregulares de uma vereda, não os deixou ouvir. Mas, de repente, a moça aproximou-se mais de um carro, pegou no braço que bamboleava, estendido fora da ambulância, à mercê dos solavancos, reparou atentamente num anel que o morto levava, e principiou a gritar:

— O Simão! Morreu! morreu!

E debatia-se angustiada nos braços das amigas que a seguravam.

Quando um vizinho entrou na azenha do Eusébio, para lhe dar a notícia da morte do filho, encontrou o moleiro sentado na ilharga da cama, a rezar, com os olhos postos num crucifixo, e um rosário entre os dedos.

— Reze-lhe por alma! — disse o vizinho a chorar.

O velhote, que estava muito mais surdo, ergueu-se, e perguntou espantado:

— O que é? — e aplicou os quatro dedos da mão direita ao ouvido correspondente.

— Morreu! — gritou-lhe o outro.

O Eusébio empalideceu subitamente, aprumou-se, fitou os olhos no vizinho; e, sem pestanejar, dirigiu-se apressadamente à cabeceira da cama, e tirou detrás uma espingarda.

— Isso para que é, tio Eusébio? — perguntou-lhe o outro ao ouvido.

— Vou matá-los! — respondeu o moleiro com uma voz convulsa. — Vou matá-los!

Mas quando ia, com a espingarda ao ombro, a transpor a soleira da porta, cambaleou, e caiu fulminado para a outra banda...

Na madrugada do dia seguinte, um moço de lavoura chegou aflito a casa, a esbofar, dizendo que, pouco abaixo da azenha, vira um corpo de mulher levado na corrente do rio, a fugir, a fugir!...

* * *

Ainda conheci, há muitos anos, o pai de Margarida.

Era por uma formosa manhã de abril.

O velho estava fora da azenha, sentado em uma cadeira de entrevado, com os pés estendidos a uma réstia de sol. Em volta dele, chilreavam os passarinhos na ramaria frondente do arvoredos.

Referia-me, ao certo, a morte do Simão e do seu amigo Eusébio; e, depois, quando chegava ao lance de ter perdido a filha, voltava a cabeça para o rio, e perguntava baixo, de si para si:

— E a Margarida?!...

E ficava como mentecapto, com os olhos turvos a contemplar as águas do rio, que derivavam mansamente entre os salgueiros!

A VOLTA DAS ANDORINHAS

Ficava no beiral do meu telhado o ninho das andorinhas. Quando o trolha vinha remediar os estragos da invernica (e então, no Minho, quando o vento sopra do Gerez, oh! Pai do céu! por mais bem construída que seja uma casa, as telhas vão todas pelo ar, como se fosse um pobre telhado de levadia!) eu tinha sempre o cuidado de lhe recomendar:

— Se ainda lá topar o ninho, mestre, deixe-o ficar.

Imagine-se quanto custaria aquilo a um trolha, a um trolha que guarda sempre contra um passarinho o mesmo ódio que um velho lobo de mar conserva implacável contra um rato! Ter de remendar um telhado inteiro — façam ideia! — sem destruir um ninho fofo, pendurado num beiral!

Como eu habitava só, aquele ninho, ali, era quase como um outro andar da casa, onde vinha passar o verão uma família minha conhecida. E eu tinha tanto zelo e canseira em conservá-lo no mesmo sítio, muito arranjado e pronto, como se fosse o caseiro daqueles alegres inquilinos!

As pessoas da cidade não dão valor nenhum a estas coisas, e até se riem delas; mas nós, os que vivemos na aldeia, temos um grande afeto pelas andorinhas, pelos melros, pelas toutinegras, pelos pintassilgos, pelos rouxinóis, enfim, por toda a passarada.

Os pardais, esses então, é que não gostam nada dos figurões da cidade. E a gente do campo, que lhes conhece o fraco, assim que eles espreitam cobiçosos as searas, dentre os ramos folhudos dos carvalhos, dizem logo:

— Esperai, que já vos arranjo.

E espetam no meio do campo um pinheiro muito alto, penduram-lhe uma vestia e põem-lhe por cima, de um modo arrogante, um pouco para o lado, como se aquilo fosse um grande janota — um enorme chapéu alto! Oh! fica admirável!

Poucos pardais, por mais audaciosos que sejam, se atrevem com o figurão.

E a gente, vendo-os, à tardinha, todos a chilrear na copa frondente do arvoredado, até parece que os ouve dizer:

— Ainda lá está o espantalho?

— E estará, compadre, e estará!

— Se ainda se conservar até amanhã — acode o mais atrevido — diabos me levem, se lhe não prego uma peça!

— Sempre queríamos ver isso! — desafiam os outros.

— Pois então...

No dia seguinte, quando o sol radiante inundava todo o trigal, às onze horas da manhã, estava tudo a postos, tudo silencioso, para ver a partida.

O arrojado observou atentamente pelos atalhos — que não fosse vir a rapaziada da escola — e voou rápido dentre um sobreiro, como se o tivesse desferido o arco de uma seta. Foi pousar direito na copa do chapéu alto do espantalho, e voltou-se depois para os amigos, a chilrear com uma grande troça.

Por toda a deveza estalou então uma gargalhada frenética dos outros, que observavam, cheios de alegria, a imobilidade do janota!

Daí por meia hora — é sabido! — estava a sementeira devastada!

Uma bela manhã, em meado de março, quando abri a janela do meu quarto, ouvi pipilar em cima. Debrucei-me no peitoril, olhei para o beiral, e lá vi a andorinha, que tinha chegado na véspera, à boca da noite, enquanto eu andava por fora.

— Bem! — disse eu comigo — já sei que tenho de ir fazer uma visita.

Ao cabo de meia hora, peguei no meu bordão, e pus-me a caminho pelo meio de uma bouça, que ia dar à estrada.

Eu ia visitar a sra. viscondessa, uma gentil viscondessa minha amiga, que chegava sempre quando chegavam as andorinhas e floresciam as amendoeiras.

Ao atravessar o pátio lageado, que precedia o velho solar da fidalga, estavam ainda os criados, vestidos com blusas de riscadinho azul, atarefados na limpeza da carruagem e dos cavalos. As janelas da casa estavam todas abertas. Sentia-se que havia lá dentro uma criatura delicada, sequiosa dos perfumes balsâmicos dos pinheirais, do ar puro, da luz, como aquelas plantas aquáticas, as *ninfas*, que sobem do fundo escuro dos lagos à tona d'água para receber os raios quentes do sol do meio dia!

Apenas entrei no pátio, deparou-se-me a sra. viscondessa; e era mesmo uma pintura vê-la, como eu a vi então, com a cabeça lançada para trás, os braços muito erguidos, os seios aflantes, a aprumar-se, a subir, fincada no bico dos pés,

para lançar o painço na gaiola doirada de um canário, que estava pendurada, em cima, entre os cortinados da janela!

Era lindo! lindo!

Quem primeiro aparecia a cumprimentar a fidalga era o sr. abade. E, então, conhecia-se logo que havia novidade na terra, porque o viam sair da residência todo asseado, de chapéu alto, cabeção de renda, a sua antiga sobrecasaca muito comprida a bater-lhe no cano das botas, e apanhado na mão direita, de um modo solene, o enorme lenço de seda da Índia com ramalhoças amarelas.

Feitos os cumprimentos do estilo, o sr. abade sacava da algibeira a sua caixa de tartaruga, e oferecia-a respeitosamente à viscondessa, como sinal da máxima etiqueta.

E depois, ia falando e cheirando alternadamente.

— Pois minha senhora...

E fungava pela venta esquerda uma pitada de simonte, continuando:

— Este ano, o inverno, minha senhora, correu mal! E Jesus! muito mal!

Depois, ao outro dia, vinha a sra. morgada do areal flanqueada das suas duas filhas. Aquilo é que era luxo! chapéus de plumas, vestidos de nobreza com três folhos, manteletes de *moir antique*, e então o bonito era a profusão de pulseiras, de broches, de brincos, tudo ouro antigo, ouro de lei, maciço, mas muito feio!

As meninas não tiravam os olhos da viscondessa; e, como ficavam uma junto da outra, acotovelavam-se às vezes, e segredavam:

— Vê, mana?...

— O que é? — perguntava a mais velha por entre dentes.

— Agora já se não usa cuia! Ora repare.

A morgada falava do amanho das terras, do peso da derrama, e às vezes para variar, dizia:

— Ora não estar cá pelo Santo Amaro! Havia de gostar. É uma festa como poucas! Faça ideia, viscondessa: há arraial três dias, há fogo preso, missa cantada, sermão...

E arregalando os olhos, e meneando pausadamente a cabeça, exclamava:

— Sermão! mas que sermão!...

Quando chegava a vez da minha visita, já a sra. viscondessa sabia todas as grandes novidades da terra. Era assim castigada a minha preguiça!

— Então já sabe — principiava eu — o comendador Antunes este ano despica-se!

— Ah! já me disseram — atalhava logo a viscondessa — é ele o juiz da festa.

— É isso, minha senhora, é isso...

Vêem? Sabia sempre tudo aquilo que eu tinha para lhe dizer!

Ora sucedeu, que de uma vez, indo lá passar a noite, encontrei a viscondessa sentada em uma *voltaire*, com a cabeça reclinada no espaldar, as pernas estendidas e os seus pés graciosos pousados no rebordo de um braseiro.

— V. exa. contradiz as tradições da primavera! — principiei eu, sentando-me ao seu lado.

— Não contradigo, meu caro — respondeu ela, removendo com a pá o rescaldo esmorecido — a primavera é que está agora conspirando contra os poetas, que lhe atribuem doçuras que não tem! Se o calendário me não desmentisse, estava em jurar que o janeiro deste ano aumentou, pelo menos, mais sessenta dias!

— Mas não está tanto frio, que se não prescindia do fogão!

— Não está calor que o dispense.

— Pois não é das melhores coisas para a saúde!

— Ora que ideia! — opôs ela, a rir — Não me consta que o fogão tenha sido o assassino de ninguém, tirante nos velhos dramas, em que a heroína ludibriada pelo amante, procurava no ácido carbônico a solução do problema.

Suponham como eu fiquei radiante de jubilo! Até que se me deparava ensejo de contar à sra. viscondessa uma história que ela desconhecia!

— Pois, minha senhora, — principiei eu com desvanecida firmeza — Filipe III, de Espanha, foi vítima do calor de um fogão! E, se v. exa. me permite, eu vou referir-lhe como o caso se passou.

Aproximei a minha cadeira do braseiro, expus os meus pés ao calor do rescaldo, para contradizer com a postura o que afirmava com a palavra, e prossegui:

Estava el-rei, assistindo a um conselho de ministros. Como fazia muito frio, diante de Sua Majestade tinham colocado um *braseiro* enorme. Passado pouco tempo, principiou el-rei a transpirar, a transpirar cada vez mais e as faces a tornarem-se-lhe? muito vermelhas. O conde de Pobar, que viu no rosto de Sua Majestade a aflição que ele sentia, dirigiu-se ao duque de Alba, gentil-homem, e disse-lhe baixo que mandasse retirar o *braseiro*.

— É contra a etiqueta — respondeu serenamente o duque de Alba. — Isso compete ao duque de Uzeda.

— Filipe III voltava para o lado os olhos suplicantes; mas não se atrevia a quebrar as regras da etiqueta atirando um ponta-pé ao *braseiro* e aos cortesãos que o cercavam.

Mandou-se chamar à pressa o duque de Uzeda; mas, por fatalidade, o duque de Uzeda nesse dia não estava no palácio!

— E depois? — perguntou aflita a sra. viscondessa, afastando-se do braseiro.

— Depois — continuei eu pausadamente estirando mais as pernas — quando o duque de Uzeda chegou ao palácio...

— Hein? — perguntou de súbito a fidalga, pondo-se de pé.

— El-rei estava morto! — conclui eu com voz sinistra.

Apenas proferi esta frase, abriu-se de repente a porta e entrou na sala o criado com a bandeja do chá.

A sra. viscondessa ordenou logo:

— André, amanhã não acenda o braseiro.

E eu, oferecendo-lhe uma chávena, disse-lhe então baixinho:

— Já vê que se devem apagar os fogões, quando voltam as andorinhas!

A SESTA DO AVÔ

Há quatro dias, vejo todas as tardes, quando chego à janela, o meu vizinho a passear em frente da casa, amparado ao braço da netinha.

O avô é já muito velho, muito velho, com a face coberta de rugas, os olhos pequenos, as mãos encarquilhadas, as pernas trêmulas, e a dobrarem-se nos joelhos. E a neta, que se chama Isaura, e é linda como os amores, tem doze anos, os cabelos louros, como fios de ouro, e os olhos muito azuis, como duas safiras.

Ele chama-se Macário; mas eu, quando lhe falo, dou à minha voz um tom marcial e digo-lhe alto ao ouvido:

— Como vai o nosso bravo capitão? Como passa o meu valente capitão?

E então, na vizinhança é mais conhecido pelo capitão *Feroz*, que foi a alcunha que lhe ficou, por ter sido um militar valente e corajoso como poucos!

Quando os franceses vieram a Portugal... — Ai! — disse-me ele um dia, referindo-me as façanhas da guerra — quem me cassara naquele tempo! Eu tinha então dezoito anos, umas pernas rijas, o olho fino!... Olhe, só de uma vez me falhou a pontaria. Eu lhe conto. No convento de Santa Clara, de Thomar, estava recolhida uma menina, de que eu gostava muito e com a qual depois casei. Um oficial francês, passando-lhe debaixo da grade, disse-lhe um galanteio, e piscou-lhe o olho direito. Ora eu, que estava ao longe a observar tudo, disse comigo: espera, que já t'arranjo. E meti a espingarda à cara, fiz pontaria para o olho direito do francês, e...

— E?

— E, truz! meti-lhe a bala no olho esquerdo! Errei dessa vez!

E ainda lhe fulguravam os olhos e o rosto se lhe iluminava, quando contava destas coisas.

Depois prosseguiu:

— Afinal, chegou-me a vez de ser vencido! Eu, que nunca tremi na guerra, a primeira vez que falei à minha santa, que Deus tenha, dei em tremer como varas verdes! Mas aquilo sim! Era formosa de uma vez! O senhor vê a minha filha! É a cara da mãe.

O capitão não se enganava. A filha era realmente formosa; mas duma formosura, que é menos dos contornos do rosto, do que da graça interior da alma.

Havia um ano que era viúva de um industrial trabalhador, honesto e inteligente. Ficara a viver na companhia do pai e com dois filhos: — a Isaura, e o mais pequenino, o Abel, que tinha pouco mais de um ano e uma cabecinha loira de querubim.

Que santa vida a daquela família obscura!

A viúva repartia pelos três todo o generoso afeto do seu coração; e, até, como o pai era tão velhinho, quase que já carecia dos cuidados de uma criança. Que os bons velhos, coitadinhos! são fáceis de contentar! Basta-lhes uma réstia de sol, uns carinhos de filha e umas histórias da neta!

Quando perguntei ao Macário, porque passeava depois do jantar, respondeu-me:

— O sono é bom para a noite. Quando durmo depois de jantar, tenho sonhos maus.

E, beijando a cabeça de Isaura, acrescentou:

— Quero antes passear com a minha neta, que me conta histórias muito lindas.

E continuaram os dois, o velho pelo braço de Isaura, arrastando vagarosamente os pés nas lajens do passeio.

* * *

Depois do jantar, o velho arrastava-se até à poltrona, que tinha ao canto da janela; e, bem refestelado, com os pés estendidos, as mãos cruzadas sobre o ventre e a cabeça encostada no espaldar, dormia patriarcalmente a boa sonata da sesta.

De uma vez, era em julho, e, às duas horas da tarde, fazia um calor insuportável. Até parece que a natureza também dormia a sesta! Lá fora, no quinteiro, as folhas das árvores pendiam desfalecidas. Ouvia-se o murmúrio monótono da bica d'água a cair, como uma lágrima, sobre uma pia de pedra, debaixo de uma latada. As portas das janelas estavam entreabertas para deixar entrar na sala uma fita de sol, que se estendia aos pés do velhinho, como uma esteira de luz.

No outro canto da sala, a filha do capitão, sentada em uma cadeirinha de pau, pespontava uma camisa de criança, mas tão pequenina, que parecia uma

camisa de boneca! Ouviam-se até uns pequenos estalidos secos da agulha, atravessando a goma do morim novo e em folha. O Abel!... Era um regalo vê-lo sentado no chão, em camisa, com as pernas roliças à mostra, um ventre redondinho de abade feliz, e os pezinhos cor de rosa!

Aos pés do avô, na réstia do sol, tremia a sombra de umas folhas do plátano do jardim. A criança engatinhou para lá. Como uma pequenina fera, atirando-se de golpe sobre a presa, o Abel lançou-se rapidamente sobre a sombra trêmula das folhas; mas — que ludíbrio! — ficou triste, espantado, com os olhos muito abertos, a contemplar a palma da mão vazia!

Ao lado estavam os grandes pés do avô, metidos nos dois grandes chinelos de tapete. Oh! eram duas colinas! E as pernas? As pernas pareciam dois enormes castelos roqueiros.

No espírito belicoso da criança surgiu a ideia terrível de os assaltar. Fincou as mãos nos chinelos do avô, levantou-se valentemente nos pés, e upa! upa! arriba!

Nessa ocasião o velho sonhava:

Tinha remoçado cinquenta anos! Os franceses invadiam Portugal! Quando ele estava na tenda de campanha, a dormir no dia seguinte ao de uma batalha, viu entrar inesperadamente o exército de Bonaparte. As paredes de lona da tenda iam recuando, recuando, para dar entrada às hostes imensas do inimigo. Os esquadrões insofridos da cavalaria corriam sobre ele. Em volta da tenda levantou-se rapidamente — como nas mágicas do teatro! — uma bateria, com as bocas dos canhões apontadas para o leito. Os piquetes de infantaria corriam a marche-marche, de baionetas caladas, para o surpreenderem no sono. Ao fundo, no viso de um outeiro, Bonaparte, o terrível Bonaparte, com as suas botas de escudeiro e o seu chapéu de bicos posto de través, como o chapéu de um estudante de Salamanca, assestava sobre ele o óculo de alcance, sorrindo alegremente da vitória!

O capitão Macário via tudo aquilo, ouvia o estrepito dos cavalos, o tropido da infantaria, as gargalhadas de Bonaparte, e sentia-se preso ao leito, impotente, inerte, ansioso, sem poder gritar!... Façam ideia!

De repente, todo aquele exército enorme se transformou num gigante, que lhe prendeu brutalmente as pernas com dois grilhões de ferro!

O capitão esforçou-se ainda por se levantar; mas conseguiu, apenas, depois de muito custo, soltar este brado aflitivo, com uma voz convulsa:

— Às armas!

E despertou, ouvindo as gargalhadas de... Bonaparte!

O velho abriu desmesuradamente os olhos, volveu-os espantado em torno de si; e, quando um instante depois, se sentiu completamente acordado, deu com o netinho, que lhe puxava pelas pernas, para lhe subir ao colo!

A criancinha estava com os olhos levantados para o avô, a sorrir, muito alegre, porque julgou que tinha sido para ela, como brincadeira, aquele grito sufocado — *Às armas!*

O GALO PRETO

(A JOÃO DE DEUS)

Havia dantes em Penajoia — terra que ninguém é capaz de ver no mapa geográfico de Portugal — uma aula regia de primeiras letras.

A aula era em uma casa de um só andar, rente do chão. Ficava no meio de uma clareira, e tinha ao lado dois grandes sobreiros, que a abrigavam do sol, no estio, e que rangiam, no inverno, quando sopravam as rajadas do nordeste.

Os alunos entravam às oito horas da manhã, saíam ao meio-dia, para jantar; e voltavam depois às duas horas, para saírem às cinco da tarde. Alguns deles vinham de longe, meia légua, três quartos de légua de distância. Eram todos pequeninos e pobres. Saíam ao romper da manhã de suas casas, com o livro debaixo do braço, e a lousa das contas pendente de um cordão, lançado a tiracolo. No caminho, os que vinham de mais longe, iam-se reunindo aos discípulos que encontravam; jogavam o botão, ou, se era tempo, trepavam aos castanheiros para cruelmente roubarem os ninhos dos melros e verdelhões.

O mestre, que tinha sido um valente cabo de milicianos, era um velhote rabujo, de pelos nas orelhas, e que pouco mais sabia do que os alunos, que ensinava.

Um dia perguntei-lhe eu:

— Diga-me cá, sr. Joaquim, que método adota?

— Que método?! — exclamou ele, estranhando a pergunta. E depois, levantando as sobrancelhas, e com as sobrancelhas os óculos, fitou-me desconfiado, e respondeu com ar solene:

— Adoto o método do Aquiles (do *Axiles*, foi como ele disse).

Mas, a despeito de tudo isto, era um tirano, como o são quase todos os ignorantes.

A aula, como já disse, ficava ao rés-do-chão. A luz entrava por duas frestas, que ficavam acima dois palmos da cabeça de um homem; porque assim era preciso — explicava o mestre — para que os rapazitos se não distraíssem, a olhar para fora. Ao fundo da sala ficava uma mesa de pinho e uma cadeira, que era o lugar do mestre. Depois seguiam-se bancadas de pau, colocadas como uma platéia, duas a duas, deixando ao meio um intervalo, por onde entravam os alunos; e, quando todos tinham entrado, por onde passeava gravemente o professor, com o livro em uma das mãos, e na outra um junco.

Os pequenos, assim que se aproximavam da aula, empalideciam.

E antes de entrarem, quem ali passasse, via-os muitas vezes ainda a repetirem a lição, trêmulos, enfiados e com a mesma coragem de quem tem de subir a uma forca!

O Gabriel era ainda um pequenote de sete anos. Morava ao pé do abade. E o abade, que era um santo velhinho, é quem muitas vezes lhe ensinava a lição. Por isso, e como o pequeno era esperto — ui! diziam os conhecidos, o Gabriel? esperto como um alho! — era o Gabriel que quase sempre ensinava a lição aos outros.

— Como se lê esta palavra, Gabriel? dizes-me? — pedia-lhe de uma vez o João do moleiro.

— Soletra lá.

E principiou o outro:

— *P-h-i, pi.*

— Qual *pi*! Também eu cuidava! *P-h-i, fi* — emendou o Gabriel.

— *Fi*! — exclamou o João, — *Fi*! *Pêta*! Tu enganas-me, Gabriel.

— Não engano, João; lê *fi*, que foi como me ensinou o sr. abade.

Nisto, chegou à porta da aula o mestre.

Vinha a palitar-se, e com a face e orelha direita mais vermelhas, porque tinha dormido a sesta.

Chegou à porta e gritou:

— Canzuada, salta para dentro!

E lá entram todos de chapeuzinho na mão, cheios de medo, como um rebanho de ovelhas a entrar para um matadouro.

Assim que o mestre tirou o livro da gaveta, em seguida a palmatória, e depois o lenço escarlate, de chita, fez-se um silêncio lúgubre na sala.

— Lê tu, João — principiou ele.

O João do moleiro foi lendo, mas cada vez que se ia aproximando da terrível palavra, ia-lhe faltando o ânimo.

Dizer que *P-h-i* diz *fi*, que temeridade! Enfim continuou irremediavelmente:

— *E como a ciência chama... chama...*

E ergueu suplicante os olhos para o verdugo.

O mestre tossiu para se dar ao respeito, e bradou:

— Lê para bai-xo, me-ni-no — acentuando as sílabas com um sorriso ameaçador.

— *Chamada* — continuou o pequeno indeciso — *chamada...* e terminou em tom mais baixo, com a incerteza de quem não sabe o que diz — *Filosofia*.

— Como? — bradou o mestre, descarregando-lhe com o junco pelas orelhas. — Como?

O pequeno fechou os olhos, encolheu os ombros, e emendou a chorar:

— *Fi-lo-so-fi-a*.

O professor descarregou segunda juncada, e berrou:

— *Filosófia*, burro, *Filosófia*!

— *Filosófia*, — repetiu o pequeno.

Apenas o João do moleiro disse a palavra, levantou-se o Gabriel do seu lugar e declarou com a voz serena e com as lágrimas a saltarem-lhe dos olhos:

— Snr. mestre, quem ensinou a dizer assim ao João do moleiro fui eu.

Oh! que escândalo, Santo Deus! O mestre ergueu-se de golpe. Os discípulos tremiam como varas verdes; e os mais pequeninos até choravam! Pudera! O que iria acontecer, Nossa Senhora! O mestre ia correr tudo a bolaria, não há dúvida.

— O que é lá? — gritou o mestre Joaquim com uma voz convulsa. — O que é?

E ficou a olhar para o Gabriel, inclinando com o indicador o pavilhão da orelha direita.

— Fui eu que ensinei assim — repetiu o Gabriel assustado.

— Vem cá — chamou de afogadilho o mestre — já aqui, seu atrevido. E bateu com a palmatória na mesa. O Gabriel pousou o livro no lugar e aproximou-se.

— Aqui já.

O mestre descarregou-lhe nas mãozinhas tenras meia dúzia de furiosas palmatoadas.

Foi muito bem feito! Apre! Ofender a sabedoria do seu mestre!

* * *

De uma outra vez, de tarde, aconteceu passar o abade pela aula do mestre régio. Fora ouvia-se uma gritaria, que eu sei lá! parecia que o mundo ia acabar.

Á porta da aula estavam três pobres mulheres, cada uma com um filhinho ao colo.

— Aí vem o sr. abade — disse uma delas. — Vamos pedir-lhe, mulheres. Aquilo foi Nosso Senhor que o trouxe por aqui.

Abeiraram-se do abade, e imploraram-lhe que fosse ele pedir ao mestre que perdoasse por esta vez aos rapazinhos.

— Então o que aconteceu? — perguntou o reitor.

— Quem sabe lá, sr. abade! Eles berregam, que parece que os matam!

— Se eu já até ouvi o meu Manoel, que é tão fraquinho!

— E o meu João, sr. abade, que tão doentinho tem andado.

— E o meu José! aquele que foi este ano à primeira confissão, sr. abade; sabe?

O abade dirigiu-se à porta e bateu.

— Quem é? — perguntou de dentro a voz áspera do mestre.

— Abra, mestre Joaquim, faz favor?

O abade entrou. Para os pequenos foi como se vissem a Providência.

— Então o que lhe fizeram estes mariolas, sr. Joaquim? — perguntou o abade, olhando em roda para os alunos.

— O que me fizeram? Roubaram-me dois lápis!

— Oh! que grande pecado! — exclamou o abade, arregalando os olhos.

— E é que nenhum confessa — explicou o mestre. E bradou, voltado para os pequenos — nenhum confessa, mas eu *ra a i xo-os*, aqui, todos.

O abade pôs-lhe a mão no ombro e serenou-o, dizendo-lhe:

— Pois se nenhum confessa, é o mesmo; que vamos já saber quem foi. Espere aí que volto já.

Saiu o abade, e, passados instantes, entrou na aula, precedido de uma rapariga.

Aproximou-se da mesa e disse:

— Põe tudo aqui em cima, Josefinha. Assim. Agora vai-te embora.

A pequena pousou uma panela de folha, e tirou debaixo do avental um galo preto. O abade meteu o galo dentro da panela, cobriu-a com o testo, e principiou assim:

— Fez-se um grande pecado! Roubaram um lápis! Quem rouba um lápis, é muito capaz de roubar tudo! Meus filhos, um de vós cometeu o crime; e não o confessa por vergonha. Ora, por causa daquele que roubou os lápis, vão padecer todos os mais. Aí tem! Em vez de só fazer um pecado, que Nosso Senhor lhe perdoava, se o confessasse e se arrependesse, vai cometer muitos: faltar à verdade, que é tão feio, e depois deixar que os outros sofram injustamente.

Os pequeninos ouviam o abade com religiosa veneração.

O abade prosseguiu:

— Hão de vir todos, cada um por sua vez, pôr a mão sobre esta panela. O galo preto há de cantar logo que sinta sobre o testo a mão criminosa do que roubou o lápis. E fica assim conhecido o ladrão; o sr. mestre Joaquim há de castigá-lo, e eu não o quero ver mais. Ora, torno a dizer, se confessar está perdoado.

Na aula, silêncio profundo.

— Nenhum se acusa? — disse o abade. — Venha o número 1.

Foi o número 1 e pousou a mão sobre o testo. O galo não cantou.

Foi o número 2, foi o número 3 e chegou até ao número 4.

Antes de chegar a vez ao número 5, todos os olhares convergiram para um canto da aula, de onde partiam uns soluços aflitivos.

— Quem chora aí? — perguntou o abade.

Ergueu-se o Eusébio da *Entrevada*.

Era um pequenino de oito anos, muito pobrezinho, com um palmito de cara que estava mesmo a pedir pão.

Era um cinco reis de gente, o Eusébio.

— É o da *Empregada* — explicou o do Moleiro.

— Anda cá, menino — chamou o abade — anda cá. Tu porque choras?

O pequeno aproximou-se para justificar as suas lágrimas, mostrou ao reitor os dois lápis roubados.

— Ah! foste tu, Eusébio?!

E Jesus! O pequeno chorava que era um dó do coração! E nem podia responder; apenas acenava.

— Então foste tu. E, olha, para que os tiraste?

— É que o sr. mestre — balbuciou o criminoso — disse-me que trouxesse eu um lápis, e eu não quis pedir o dinheiro à minha mãe, que está *empregadinha* na cama, e nem tem dinheiro para o caldo. E depois com medo de que o sr. mestre me batesse...

— Pegaste num lápis. Foi assim? — concluiu o pároco.

— Foi, sim, senhor.

— Mas tu tiraste dois!

O pequeno desatou a chorar.

— Para que tiraste dois? — insistia o padre.

— Era — explicou o Eusébio — para quando se acabasse um!...

O mestre estava já de palmatória pronta.

O Eusébio estendeu resignado a mãozinha trêmula.

— Basta — terminou o abade. — Eu prometi que se perdoava a quem confessasse. Para outra vez, querendo alguma coisa, vai-me pedir, ouviste? Que

eu não tenho tempo de saber o que vos falta. Ora vai para o teu lugar, e promete que não tornas a fazer outra.

O mestre Joaquim *sentiu muito* não aplicar o corretivo.

— Deixe lá, sr. Joaquim — dizia-lhe o abade. — É preciso muita misericórdia para tratar as crianças. Lembre-se do que dizia Jesus: *Sinite parvulos venire ad me.*

O mestre, que não sabia latim, mas que diante do curso quis ocultar a ignorância, respondeu a sorrir com ares de quem percebia:

— *Et cum spiritu tuo!*

ESTÁ NO CÉU!

Um sargento de atiradores, que, desde a madrugada, tinha percorrido oito léguas, a pé, sem descansar, entrou em uma taberna que ficava à beira da estrada, e perguntou se era por ali que morava Maria La Courdaie.

O taberneiro descobriu-se respeitosamente diante do soldado, e, saindo à porta, estendeu o braço, e indicou-lhe:

— É ali, do lado direito. Abra uma cancela e entre.

— Obrigado! Boa noite — agradeceu o militar. E dirigiu-se apressadamente para lá.

* * *

No muro da estrada havia uma cancela de pau; e aberta a cancela, atravessando-se por um caminho assombreado de algumas árvores frondentes, via-se ao fundo a modesta casinha branca, escondida entre a verde ramaria de uns carvalhos.

Tinha ao lado uma leirita plantada de horta; e, à sombra de um choupo, mais no fundo, uma pia de pedra, onde murmurava uma veia de água muito cristalina. Do esgalho de uma árvore prendia-se ao tronco de outra uma corda, estendidas na qual alvejavam, expostas à luz perpendicular do sol do meio-dia, umas roupinhas brancas de criança. No cunhal da casa havia uma parreira, que subia encostada à parede, com as suas largas folhas de um verde acentuado dentre as quais pendiam os cachos escuros com os bagos cobertos de pó luzente e subtil das estradas. Da chaminé desenrolava-se serenamente uma espiral branca de fumo, que se expandia pelo ar. A casinha branca, de um só andar, aparecia encastoadada no fundo escuro de uma colina. E no cabeço do outeiro, a espessura imóvel e macia de um pinheiral fechava o horizonte, como um largo reposteiro de veludo verde.

Nessa casa vivia uma formosa mulher na companhia de dois filhos.

Coitadita da pobre! Ficava viúva aos vinte e cinco anos e com dois filhinhos que eram o seu encanto. O mais velho tinha sete anos e chamava-se Miguel, que era o nome do pai; o mais pequenino contava apenas onze meses, e tinha nascido pouco depois que o pai partiu para a terrível guerra da Criméia.

De uma vez, depois de cearem, a mãe, para que o Miguel não fizesse bulha e acordasse o *menino*, chamou-o para ao pé de si, abriu a carta geográfica, e disse-lhe:

— Olha, meu filho, onde está o teu querido papá?

O pequenino abriu muito os olhos, e respondeu a sorrir:

— Na guerra! Pum! Pum!

— Anda ver onde ele está.

E, pegando-lhe na mãozinha, fechou-lhe os três dedos mais pequenos, estendeu-lhe o indicador, e foi-lho levando por todas as terras por onde o pai tinha seguido. O dedo da criança ia subindo montanhas, descendo aos vales, atravessando as planícies, costeando pelo litoral e cortando o mar. O pequeno balbuciava todos os nomes que a mãe proferia. Quando chegou à Criméia parou. Ergueu a sua cabecinha loura, e levantou os olhos para a luz do candeeiro, a ver se ele lhe fazia a mercê de o alumiar bem. Depois levou a mão ao *abat-jour* e tirou-o para o lado.

— Deixa o candeeiro, meu filho.

— Ora, ora — exclamou o Miguel, fazendo biquinho.

— Deixa, meu filho — pedia a mãe.

— Eu quero ver o papá.

E debruçou-se outra vez sobre a carta, a procurar com o olhar investigador um ponto qualquer.

A mãe, nesse instante, com o mais novinho adormecido nos braços, olhou para o crucifixo, que tinha pendurado à cabeceira, e principiou a rezar baixinho, com duas grossas lágrimas a tremerem-lhe à flor das pálpebras.

— Está aqui o papá? — perguntou o Miguel.

— Está, meu filho, está.

— Na guerra?

— Sim, meu rico amor, na guerra.

O Miguel ficou pasmado a olhar para a Criméia, e exclamou:

— Eu quero ir à guerra dar um beijo ao papá.

— Oh! meu filho!

— O que é a guerra, mamã?

— Não sei, Miguel. O teu papá, quando vier há de contar-nos, sim?

No dia seguinte, logo depois da ceia, quando o *menino* já dormia no regaço da mãe, o Miguel pediu:

— Eu quero ver outra vez o papá.

E foi procurando, pouco a pouco, pelo mapa. Assim que apontou a Criméia, exclamou radiante:

— Ah! aqui está ele!

E depois, no outro dia, logo à boca da noite, bateram apressadamente à porta. Quem seria, Jesus! A mãe do Miguel até tremeu. Pegou na criancinha e foi ver quem era. O Miguel — aquilo era já um homem às direitas! — ia ao lado da mãe, segurando-se-lhe a uma das pregas do vestido.

— Há de ser o papá — disse ele.

Abriu-se a porta, e no fundo estrelado da noite, sobressaiu a elevada corpulência de um soldado. A claridade do luar batia-lhe em cheio no rosto avincado da fadiga e queimado do sol, com grandes bigodes espessos. Os botões da fardeta reluziam.

— É aqui que mora a sra. Maria La Courdaie? — perguntou ele, enxugando ao canhão o suor copioso que lhe escorria na testa.

— Sou eu — respondeu a mãe de Miguel.

— É a mulher do Miguel La Courdaie?

— É o papá — disse do lado o pequenito, fitando o soldado com os seus grandes olhos azuis.

— Pois, senhora...

O soldado olhou em redor, perturbado, aflito, e continuou:

— Pois o Miguel, o 26 dos atiradores, o meu querido e bravo camarada...

— Hein? — balbuciou a pobre mulher.

O sargento apontou com o indicador para o céu, e, aproximando-se da porta, terminou:

— Morreu!

E deitou a correr pela estrada fora, porque não tinha coragem de assistir àquele lance angustioso. Não tinha ânimo, ele, que no calor da refrega, afrontara os maiores perigos!

Depois da ceia, o Miguel quis ainda ver o seu papá. Abriu o mapa, e quando chegou à Criméia, disse:

— Eh! aqui está ele!

— Já não está, meu filho — respondeu-lhe a mãe a chorar.

O pequenito olhou para ela, e perguntou:

— Então?

— Está no céu!

— Está no... céu? Então vou procurar o céu.

E ficou, por muito tempo, debruçado sobre o mapa, a procurar onde ficaria o céu para ver o seu papá, até que deixou pender a sua loira cabecinha sobre o livro, e adormeceu.

O RETRATO DOS PAIS

A mala-posta, que seguia do Porto para Braga, passava, às 7 horas da manhã, defronte da Isabelinha — aldeola obscura, que fica emboscada em uma deveza cerrada de carvalheiras, entre Santiago da Cruz e a estrada de Barcelos.

Como era subida, os cavalos iam a passo, de rédeas bambas, com as cabeças pendentes, sacudindo com as caudas os moscardos teimosos, que lhes aferretoavam nos ilhais. Na imperial do tejadilho os passageiros cabeceavam com sono. O cocheiro, com o chapéu desabado caído para o sobrolho esquerdo, por causa do sol, e com as rédeas entaladas nos joelhos, petiscava lume da pederneira e acendia pachorrentamente no morrão um cigarro de Xábregas.

— Ainda não enxergo o manco — disse o condutor, com os olhos fitos num atalho, que vinha sair à estrada.

— Toque-lhe a buzina, homem — alvitrou do lado o cocheiro, com a voz rouca da aguardente — toque-lhe a buzina; que, se não aparecer, adeus! a culpa é deles.

O condutor limpou com a palma da mão o bocal da corneta, que levava ao tiracolo, aplicou-o aos beiços, inchou as bochechas de ar, e soprou de rijo, tirando um som roufenho, prolongado, com intermitências, que se ouvia de longe.

O manco, que estava encostado no cunhal do muro, à sombra de um castanheiro, saiu a meio da estrada.

Ao passar a mala-posta, o condutor atirou-lhe do alto com uma saca de brim, surrada, suja e fechada com uma vareta de ferro, em cuja extremidade pendia um aluquete triangular. O manco estendeu os braços para a suspender no ar. Assim que a aparou, sopesou-a duas vezes, com os braços esticados, e observou:

— Hoje pesa!

— Hoje há pacote — explicou sucintamente o condutor.

E, como a estrada principiava a descer em uma ladeira íngreme, volteou com força e à pressa a manivela do travão, e disse para o manco:

— Adeus.

A mala-posta seguiu a trote largo pelo meio da estrada, aos solavancos, levantando nuvens densas de poeira, com grande ruído das rodas, frêmito das vidraças e o tilintar constante dos guizos das coleiras.

O manco atirou para o ombro com a mala das cartas, fincou o braço côncavo da muleta no sovaco direito, e desandou pelo atalho fora, a coxear, para casa do Bento do correio.

Ao fundo do atalho, em continuação do muro tosco dos campos, ficava uma estacada já velha, combalida, esverdengada das chuvas da invernia a resguardar uma leira hortada de couves e cebolinho. Tinha dentro uma casita de telha vã com porta e postigo sem vidraça. Dirigiu-se o manco à cancela da paliçada, correu-lhe o ferrolho perro na armela, e gritou:

— Ó tia Ana! tia Ana!

Abriu-se a porta da casa, e apareceu no limiar uma velhinha trêmula, curvada para diante, com uma roca enfiada à cinta, a fiar estopa.

— Que é lá, manco? — perguntou ela, inclinando-se para fora, com a mão fincada na ombreira.

— Correio! — gritou o manco com um grande berro.

A velha fez-lhe com a mão sinal de que esperasse. Pousou dentro a roca e o fuso, e saiu à horta ajeitando com os dedos as farrepas brancas do cabelo, que lhe espreitavam por debaixo do lenço. O rapaz transpôs a cancela, foi ao encontro da tia Ana, e gritou-lhe com a boca muito aberta:

— Correio! ouviu?

A mulher fitou-o com os olhos espantados, e perguntou:

— Que é? Não ouço.

O manco sorriu-se resignado; colando então a boca ao ouvido da tia Ana, repetiu com maior brado:

— Correio! correio! ouviu agora?

— Ah! — exclamou a velhinha, esfregando as mãos de jubilo radiante — ouvi, meu filho, ouvi: — é correio!

— É correio, é — confirmou ele com um aceno afirmativo.

E, pondo-lhe a mão no ombro, disse-lhe adeus até logo, correu de novo o ferrolho, e tomou à direita, pelo carreiro de um milharal, caminho do correio.

* * *

Não se imagina o que é a chegada do correio a uma aldeia qualquer do Minho! Cartas dos filhos ausentes!

Que ansiedade em ver realizadas as esperanças e...

Deixemos estas considerações, e relatem os fatos.

Daquela mesma porta, vinte anos antes, saíra uma vez a tia Ana, ainda forte, robusta e sadia, para acompanhar ao Porto o seu querido e único filho, que teimou em embarcar para o Brasil. O homem da tia Ana não se opôs.

— Deixa-o lá, mulher — dizia-lhe ele — se o rapaz tem inclinação, em Deus o ajudando, melhor amanhará a vida por lá do que por cá. Ele sabe ler, ele sabe escrever, ele sabe contas, está mesmo a calhar.

— Ai! meu rico filho — soluçava a pobre mãe, a chorar, com o rosto escondido no avental.

— Não chores, mulher. Partir, tinha ele de partir, mais hoje, mais amanhã. Eu que o mandei ao mestre, não foi para ficar na lavoura. Assim com'assim tanto monta estar o rapaz em uma loja no Porto, como no Brasil. Vem a dar na mesma.

Estas e outras razões do marido venceram as saudades da mãe.

Foi preciso vender dois grilhões e um par de arrecadas, venderam-se; foi preciso vender também uns novinhos, que se engordavam para embarque, venderam-se na feira de Vila-Nova; e apuradas sete moedas e meia, impôs-se o rapaz para o Brasil. No Porto, a tia Ana tomou passagem para o filho, à proa, na galera *Constância*, da casa dos Penas; mercou-lhe uma caixa de pinho nova; vestiu-o com dois fatos baratos num algibebe da Ponte-Nova; escolheu-lhe um par de chinelas nas sapateiras das Carmelitas; guardou-lhe e ajeitou-lhe tudo na arca, e pôs-lhe a um canto, com a maior devoção, o registro do Bom Jesus do Monte.

Pobre mulher! Liquidou as parcas economias, que representavam privações e sacrifícios, afadigou-se de trabalho, ralou-se de saudades, chorou muito; e, quando viu de terra a galera *Constância* seguir lentamente rio abaixo, com as velas enfunadas pelo nordeste e a proa inclinada à barra, caiu de joelhos e de braços no cais de Massarelos, com as mãos trêmulas atadas na cabeça, a

soluçar aflitivamente pelo filho da sua alma, que lhe acenava com o lenço, debruçado na amurada do navio, a chorar!

* * *

Chegou a primeira carta a Isabelinha decorridos três meses da partida do rapaz. Foi um alegrão que os pais tiveram! A carta era escrita em papel pacote, muito fino, pautado; e até como os portos do Brasil estavam suspeitos de febre amarela, vinha o papel todo golpeado. Foi lida a carta pelo Bento do correio, foi lida pelo boticário, foi lida pelo snr. cura, antes de ser delida pelo calor do seio da mãe, que a guardava junto do coração, como relíquia; e, de cada vez que ela ouvia as palavras do filho, era um chorar copioso, que retalhava o coração. O Brasileiro da Granja, que induzira o rapaz a embarcar, esse sorria-se, e consolava-a deste modo:

— Deixe lá, tia Ana! Ali é que um home se faz gente. Está aqui, está um Brasileiro como a mim. Lhe garanto, tia Ana, que o rapaz se tiver tento na bóia, hem? arranja patacaria gorda, e, em pouco tempo, atíça baixela em casa.

Nenhumas destas consoladoras esperanças, nem até a de *atiçar baixela em casa*, leriam as saudades daquele coração atribulado da tia Ana.

— Ora! — opunha ela com a voz nasal e soluçante de quem suspende as lágrimas para falar. — Em um homem tendo saúde e a graça de Nosso Senhor, em toda a parte do mundo é Brasil! Riquezas são o demônio.

— Não diga patacoadas, mulher — contestava o Brasileiro azedo e carrancudo — não diga patacoadas.

Depois, passados mais anos, à proporção que as saudades da aldeia se desvaneciam no ânimo do rapaz, as cartas iam rareando.

De quatro em quatro meses escrevia para a terra, dizendo que o trabalho lhe roubava o tempo de o fazer amiudadas vezes. Que não tivessem cuidado, que ia bem de saúde e que esperava ser feliz em poucos anos.

A tia Ana, quando não tinha carta no correio, ia da Isabelinha a Braga, a pé, entrava no Carmo, ajoelhava à beira da campa do milagroso Frei Joãozinho da Neiva; e, com as mãos postas em súplica junto da boca, implorava com ansioso fervor pela saúde e prosperidade do filho ausente. Ao passar pela caixa das esmolas, à entrada da igreja, lançava algum dinheiro no gasofilácio. Pedia a Nossa Senhora da Conceição dos Congregados pelo filho do seu coração. Entrava em Santa Cruz, ajoelhava em frente do altar do Senhor dos Passos, e rezava uma estação e um rosário com as faces de rojos; subia a beijar os pés da sagrada imagem; e benzendo-se três vezes com a corda d'esparto puído e

lustrosa, que cingia a túnica do Senhor, retirava-se às recuadas, rezando a meia-voz, até sair do templo!

* * *

Seis meses antes do manco anunciar à tia Ana que tinha chegado o correio, recebeu ela uma carta do filho, dando-lhe parte de que ia casar com menina rica, de nascimento — dizia ele — prendada. Queria o retrato dos pais, e enviava-lhes dez moedas para as despesas necessárias.

Quando isto constou na Isabelinha, houve geral regozijo.

— Eu não lhe dizia, tia Ana — lembrava-lhe uma vizinha. — Se eu logo vi! Aquele seu Joaquim nunca me enganou. Eu futurei aquilo!

— Pois isso bastava uma pessoa olhar para ele — acudia outra, aleitando um filhinho gordo, que tinha no regaço — Aquele olho dele, lembra-se, tia Josefa?

— Pois não lembra? O rapaz era fino, que nem um alho! Se aquele não se arranjava por lá, então — boa te vai! — não sei o que há de ser de outros que foram depois. Olhe vocemecê, tia Ana, aquele filho da moleira, o zerolho; aquilo é um morcão, que não serve para nada.

A tia Ana, sem atentar no confronto, que lhe realçava as qualidades do filho, ria e chorava simultaneamente. E não se sabia dizer se aquelas lágrimas serenas iluminavam o sorriso, se o sorriso mais entristecia as lágrimas!

Dois dias depois da recepção da carta, resolveram-se, ela e o marido, a ir a Braga para tirarem o retrato. Vestiram-se com a melhor roupa domingueira, que servia para a romaria do Espírito Santo, no Bom Jesus do Monte. Ela ia toda sécia de saia escura de serguilha, com tomado e muitas pregas miúdas no cós, colete de chita amarela salpicada de florinhas verdes, camisa branca de linho com mangas enfunadas e abotoadas no pulso, meias finas, e soquinhas de pano azul com ponteiras de verniz.

Atou na cabeça um lenço branco de cambraia bordado, lançou aos ombros o capotilho novo de baeta escarlata debruado de fita larga de veludo preto com as pontas caídas à frente, até à cintura, e tomou na mão enrugada e seca um lenço engomado de franja e entremeios de renda.

O marido enfiou as melhores calças de pano, avincadas, com abertura em baixo a apolainarem o tamanco, colete de fostão amarelo com duas ordens de botões de vidro, niza azul de abas curtas, gola alta, botões amarelos, as mangas justas de canhão até à raiz dos dedos, e colarinho muito engomado e teso apontado ao lobo das orelhas.

Pôs na cabeça chapéu de feltro de copa afunilada, e sobraçou o guarda sol de paninho escarlate com espigão de metal lustroso e um cabo de osso representando um punho, toscamente esculpido nos torneiros da Bainharia do Porto.

Atravessaram assim o Arco da cidade em Braga; e seguiram pelo meio da rua do Souto, um ao lado do outro, radiantes, em busca do retratista.

Adiante da galeria do paço episcopal, deparou-se-lhes pendurado na ombreira de uma porta um quadro grande de caixilho doirado com muitas fotografias em exibição.

Perguntaram na loja de panos, que havia ao lado, onde se tiravam os retratos; e, devidamente encaminhados, subiram ao segundo andar, onde ficava o *atelier*.

O fotografo retratou-os em grupo, um junto do outro, ambos de pé, o marido com a mão direita espalmada assente sobre a espádua descaída da mulher.

Ficaram com as cabeças muito levantadas, os olhos arregalados e espantadiços, os beiços franzidos, os membros hirtos e constrangidos, em uma atitude lôrpa, grotesca e ridícula!

* * *

Logo que o manco partiu, a tia Ana seguiu-lhe no encalço para procurar carta do filho.

No dia em que chegava a mala do Brasil, iam as mulheres da Isabelinha pedir ao Thomé boticário, que deixasse ir o filho ao correio para lhes ler as cartas.

Se não havia fregueses a aviar, o pai mandava-o, e o Andrezinho partia alegre, porque gostava da brincadeira.

Era lindo ver aquele quadro!

O rapaz sentava-se no espigão de um muro baixo, à sombra de um sobreiro. Em volta dele, mulheres e homens apinhados, com as bocas abertas, escutavam-no com religioso silêncio.

O filho do boticário ia lendo uma por uma, muito vagarosamente, as cartas que lhe entregavam.

Não havia segredos para ninguém.

Como o rapaz lia de alto e bom som ouviam todos as cartas uns dos outros, como se fossem uma só família. E alguma notícia triste ou notícia alegre era igualmente sentida e comentada por todo o auditório.

A tia Ana, como já lhe custava a andar, chegava no fim de todas.

Cediam-lhe logo passagem.

— Deixai, que eu tenho tempo — dizia ela, com a carta do filho apertada na mão.

Por fim, chegou-lhe a sua vez.

O filho acusava a recepção dos retratos, mas dizia que não tinha gostado. A tia Ana entristeceu.

A carta prosseguia no mesmo assunto e terminava assim:

“Vão vocemecês a casa do meu correspondente, os srs. Nogueira & Sá, da rua das Flores, e perguntem pelo meu amigo e sócio Joaquim da Silva Ferreira, que lhes dará as instruções precisas”.

O André, depois de ler, explicava sempre:

— Percebeu, tia Ana? Quer que vocemecê e o seu homem vão ao Porto, à rua das Flores, a casa dos srs. (e recorria à carta), dos srs... Nogueira & Sá, e lá procurem o sr..., o sr... (recorria de novo ao papel) Joaquim Ferreira da Silva, que, pelos modos, vem a ser o sócio do seu José. Percebeu?

— Percebi, percebi.

— Pois é o que tem a fazer; e adeusinho, até outra vez.

O rapaz restituiu a carta; e, como não havia mais ninguém por ali, saltou do muro, e voltou para a botica.

* * *

Na loja de ferragens da firma comercial Nogueira & Sá, estavam, havia cerca de uma hora, a tia Ana da Isabelinha e o marido à espera do sócio do filho, que os mandara esperar ali.

Era meio-dia, quando o Brasileiro entrou.

O patrão Nogueira apresentou-os ao recém-chegado. A tia Ana e o homem levantaram-se humildes, com os braços caídos, conturbados de acanhamento.

— Então são vocemecês os pais do meu sócio, hein?

— Saiba v. s.^a que sim — responderam ambos em coro.

— Pois por muitos anos, e bons — disse-lhes o Brasileiro.

Tirou da algibeira do colete branco um relógio de ouro, viu as horas, e voltando-se para o Nogueira:

— São horas. Tem lá cima tudo preparado, hein?

— Está tudo pronto — respondeu o ferragista.

O Silva voltou-se para os lavradores, e disse-lhes:

— Subam lá cima com este senhor, que eu espero-os aqui. Não si demorem, hein?

A tia Ana seguida do homem subiram a uma sala do primeiro andar. Sobre um canapé de palhinha estava estendido um casaco preto, um par de calças, um par de botas e um chapéu alto de seda. Ao lado havia um vestido de seda preta com folhos, um xale de caxemira, uns sapatos de duraque, um chapéu de veludo carmesim com flores amarelas e plumas brancas.

Entrou na sala uma criada velha das manas do Nogueira, tomou nos braços o vestido de seda, o chapéu, o xale e os sapatos, e pediu à tia Ana que a seguisse ao gabinete próximo.

O caixeiro da loja ficou só com o lavrador. Disse-lhe que mudasse o fato d'aldeão que trajava e o substituísse por aquele que via ali.

— Mas... opôs timidamente o pobre do homem.

— Eu ajudo-o, eu ajudo-o. Ande depressa.

E, à pressa, atabalhoadamente, tirou-lhe a niza, o colete amarelo e as calças de saragoça.

Quando o homem se sentou em uma cadeira para enfiar o cano das botas, caiam-lhe da testa bagas de suor copioso.

Estava aflito, quase apoplético, com o laço da gravata a apertar-lhe a garganta, como a corda de um enforcado.

Aquele casaco pesava-lhe nos ombros como uma armadura de aço de D. João II.

Abriu-se a porta do gabinete e apareceu a tia Ana vestida de senhora. Oh! Os pés estorciam-se-lhes nos sapatos, o chapéu caia-lhe para a nuca! A criada vinha atrás, a passo, como aia que segue uma rainha; e, lançando um olhar e sorriso maliciosos ao caixeiro, dizia:

— Hein? Estão que nem dois fidalgos!

Marido e mulher empalideceram e tremeram quando se viram naqueles trajés. Despertou-lhes na consciência o sentimento do ridículo.

Entreolharam-se mudos, contrafeitos, e desceram ambos, com muito custo, amparados ao corrimão, os degraus da escada até à loja.

E a criada e o caixeiro, que os viam do patamar, abafavam com a mão na boca as gargalhadas da troça.

— Ai o diacho da velha — exclamava a criada a rir — que me parece mesmo um entrudo!

* * *

Entraram ambos na fotografia *Fritz*, da rua do Almada.

O sócio do filho explicou ao retratista como desejava o grupo.

Passaram ao *atelier*, muito desconfiados, a olharem-se de soslaio.

O homem bofava, a suar constantemente.

Foram colocados no foco, um ao pé do outro, com uma mesa de permeio, e por detrás com um reposteiro azul, que caia em amplas dobras sobre o tapete. Quando o fotografo assestou sobre eles a lente da máquina, retirou de repente a cabeça de sob o pano de veludo preto que o cobria, e observou espantado:

— Então vocemecês estão a chorar?!

Enxugaram os olhos à pressa, e colocaram-se na mesma posição.

Á segunda tentativa, porém, as lágrimas e os soluços irromperam violentos; e o homem da tia Ana, afastando-se da mesa, dirigiu-se ao sócio do filho, e expôs-lhe, a chorar:

— Como assim, meu senhor, nós não tiramos o retrato. E, enxugando as lágrimas ao canhão do casaco, continuou:

— Nada; escreva v. s.^a ao meu José, e diga-lhe que não senhor, que... não pode ser!... Se ele não quer mostrar à senhora o retrato que lhe mandamos, é o mesmo, que diga... que já não tem pai, nem mãe!

Aqui foi um soluçar aflitivo e um abanar convulsivo de cabeça, que deixou estarecido o Brasileiro.

A tia Ana concordava com o marido:

— Diga-lhe, meu senhor, que nós — dizia ela com voz trêmula — que... morremos, sim que já morremos... ambos!

* * *

Na tarde desse mesmo dia, quando os últimos raios do sol poente purpurisavam a cumiada das montanhas, e pelos respaldos dos outeiros vinham descendo as sombras esfumadas do crepúsculo, voltavam ambos para a Isabelinha.

Sentavam-se repetidas vezes na orla do caminho, a fingir que a distância os fatigava! Permaneciam silenciosos durante alguns minutos, um ao lado do outro, com os olhos esmorecidos e roxos de chorar.

Mas o homem, quando via rebentar as lágrimas nos olhos da mulher, fazia-se forte, continha a comoção, e dizia-lhe baixo, a sorrir contrafeito, acotovelando-a de esguelha:

— Então, ó Ana! Ai! que já não tenho companheira para as romarias!

E era triste ver então aqueles dois velhos seguirem para a sua aldeia, a pé, cabisbaixos, a suspirarem de quando em quando, com o coração retalhado pela mais cruel das decepções!

O SERMÃO

Era um dia de festa e de grande romaria.

Desde madrugada, que eu estava debruçado no muro do meu quintal, à sombra de uma acácia, onde trinava um rouxinol, para ver passar os romeiros, que se dirigiam, em bandos, para o arraial.

Antes de chegar ao adro, passava-se por dois arcos de murta com flores, dos quais pendiam bandeiras e galhardetes de cores garridas.

Às onze horas da manhã ouvia-se o murmurinho surdo do ajuntamento no lugar da romaria. Pela estrada já pouca gente passava; e a que ainda vinha à festa, caminhava de vagar, fatigada, rente dos muros das quintas, para se abrigar do calor ardente e abafado de julho.

De repente, na curva que a estrada faz, junto do pinheiral, apareceu a carruagem da sra. viscondessa, que era, nesse ano, a juíza da festa.

Os transeuntes paravam, encostados aos muros, e voltavam-se para ela, com os chapéus na mão, como se abrissem passagem respeitosa a uma rainha. A carruagem descoberta era tirada por duas éguas inglesas, que esbofavam com ruído, batendo as patas a compasso na areia fina e reluzente da estrada. O cocheiro vinha apumado na almofada, com as pernas esticadas, e na mão direita levantada suspenso o pingalim. Dentro, reclinada no estofado escuro da carruagem, a sr.^a a viscondessa sorria afável para os lados, agitando levemente a cabeça. Uma *marquesinha* cor de pérola abrigava-a do sol. No lugar da frente ia o sr. abade, um abade ainda novo, muito escanhoado, vestido com batina lustrosa, cabeção de renda, barrete de cetim levemente inclinado na coroa da cabeça. Levava as mãos cruzadas sobre o ventre e os olhos fitos no vestido da viscondessa, um vestido verde-mar, com guarnições de renda, que se abria diante dele, como um leque.

Os romeiros, só depois da carruagem passar, é que continuavam o caminho, e, olhando entre si de um lado e de outro da estrada, sorriam gloriosos.

Quando a sra. viscondessa apeou à porta da igreja, estalou no ar uma girândola de foguetes; e eu, que não tencionava assistir à festa, acendi um charuto, e dirigi-me vagarosamente para o lugar da igreja, antes que principiasse o sermão.

* * *

Estava a igreja armada com sanefas e cortinas de damasco escarlate, onde as luzes das tocheiras de prata do altar punham reflexos vermelhos.

Fora da têa gradeada do altar-mor, via-se o povo, de pé, apinhado, com o olhar espantado e perdido na decoração ostentosa do templo. A pedra do altar-mor estava revestida com toalha franjada de rendas. Um tapete largo de variegadas cores cobria o estrado do altar, descia os três degraus preso por varões de metal lustroso, e estendia-se na capela-mor até à grade. Três padres velhos, avergados sob o peso das capas de asperges com brocados de ouro, estavam sentados ao lado, com os pés unidos e estendidos para a frente. Sentia-se um cheiro forte a incenso; e, no coro, soavam as últimas notas plangentes das rabecas acompanhadas a órgão e rabeção.

A sra. viscondessa entrou apressada pela porta lateral, que dava para a sacristia, e ajoelhou-se em frente do altar, com a cabeça muito levantada e os olhos pregados na imagem do Cristo crucificado em meio de luzes e ramos de flores. Depois de rezar, com as mãos postas em súplica junto do seio, persignou-se lentamente e sentou-se.

Nesse instante, houve um rumor vago entre os fiéis, que enchiam o templo.

O pregador aparecera no púlpito. O seu rosto oval de uma palidez maviosa, fronte larga, barba escanhoada e azulada no queixo, destacava-se da alvura da sobrepeliz de cambraia bordada.

As suas mãos estreitas e brancas saíam dentre as rendas aniladas das mangas, que lhe chegavam até à raiz dos dedos.

O abade olhou atentamente o auditório, e ajoelhou. Ergueu-se depois, arrepanhou os canhões da sobrepeliz, ajeitou a estola, espigarrou com tom solene e passou à flor dos lábios o lenço, que depôs cuidadosamente ao lado. Em seguida, fincando a palma das mãos no parapeito do púlpito, adiantou o busto para a frente e principiou com voz débil:

— *“Mulierem fortem quis inveniet? Proverb. 31”*.

Era o sermão de Santa Isabel, rainha e mártir. O pregador historiou a vida da santa, desde o tempo em que, menina e moça, nos seus palácios de Aragão, o seu principal divertimento era a oração e o exercício da caridade. Desposada por el-rei de Portugal, D. Diniz, em breve as leviandades amorosas do esposo lhe amarguraram o coração traído.

— “Porque — exclamava o pregador, alçando o braço — quantas vezes o manto de uma rainha esconde um coração atribulado!? Em meio da ostentação de um palácio, cercada de todas as magnificências reais,

filha e esposa de rei, como a grande rainha de Lacedemônia, *quae Regis filia, Regis uxor*, a princesa santa não tinha o sossego, o descanso, a alegria da mulher humilde de um mecânico!

Era rainha, *Regis uxor*, era poderosa, era rica; mas a principal riqueza era a da sua alma.

O ouro copioso dos seus cofres não tinha o grande valor do ouro de alto quilate do seu coração, — ouro de lei, puríssimo, sem liga, que se não gasta e consome com o uso, antes se acrisola e engrandece com o exercício das boas ações!”

Algumas mulheres soluçavam comovidas; e a sra. viscondessa, que o ouvia com atenção, fechava os olhos em sinal de concordância, e acenava afirmativamente a cabeça.

Prosseguia o sermão. O pregador falava da santa, quando acudia pressurosa aos infelizes. Referiu o milagre da transformação dos pães em flores, sendo surpreendida pelo rei, quando ia esmolar aos pobrezinhos!

Depois, adiantando paralelas as mãos, como se quisesse atrair num braço o auditório estupefato, dizia:

— “Vede para que serve o ouro! Não vos julgueis desgraçados, se vos não assistem grandes riquezas! Não deixeis que a inveja se enrosque, como serpente ardilosa do inferno, em vossos corações”.

E, apontando o indicador para o céu, prosseguia com voz mais solene:

— “É aí que se vê a providência de Deus! Concedeu o ouro aos ricos, para que o distribuíssem pelos pobres! Pedir não é humilhação nem vergonha! Deu-nos o exemplo Jesus, o Divino Mestre, que ensinou aos discípulos a pedir com humildade!

E que maior consolação — continuava o pregador — que maior consolação do que socorrer com a esmola àqueles que a fortuna fez menos abastados!? Apagar a fome, saciar a sede, vestir os nus, enxugar as lágrimas das viúvas, amparar a orfandade, dar arrimo à velhice!”

E exclamava:

— “Oh! santa caridade! Oh! flor sacrossanta do altar de Deus! A caridade...”

E retraindo-se no púlpito, arqueando os braços à frente, aproximando as mãos com as cabeças do indicador e polegar delicadamente unidas, recitava com voz untuosa, repassada de mimo:

*À noite a virgem modesta,
A casta filha de Deus,
Furta-se aos hinos da festa,
E envolta em cândidos véus,*

*Desce a escada suntuosa,
Mãe dos maus, irmã dos bons,
Lá vai levar carinhosa
A toda a parte os seus dons.*

Foi de um efeito surpreendente! O auditório sentia calafrios: passava nele a corrente magnética do entusiasmo!

O pregador rematou em tom familiar, com voz mais baixa, aconselhando aos pobres, que seguissem o exemplo de Jesus, que andou a pedir pelo mundo; e aos ricos, que se amoldassem pela Rainha Santa, que distribuía pelos desgraçados as riquezas do seu palácio.

— “Amen.”

E saiu do púlpito açodado, vermelho, anelante, a enxugar com o lenço o suor copioso, que lhe corria da testa.

* * *

Nesse dia, jantou o sr. abade com a sra. viscondessa. Quando eu cheguei, tinham-se já levantado da mesa, e estavam sentados no terraço, à sombra do toldo listrado.

Defronte da viscondessa, o abade, refestelado em uma larga cadeira de vime, sorvia o café a pequeninos goles.

Cumprimentei o pregador pelo sermão; e a sra. viscondessa, levantando entusiasticamente a cabeça, confirmou do lado:

— Admirável! admirável! Diga-me, sr. Alberto — continuou ela, batendo-me familiarmente no joelho — não acha que o abade recitou a poesia com mais mimo e mais sentimento do que a Emilia Adelaide, em D. Maria?

— Ah! — exclamei eu, espantado do confronto — sem dúvida!

O escudeiro entrou com uma bandeja de prata para receber as chávenas. Aproximou-se da sra. viscondessa, e disse-lhe a meia voz:

— Está lá baixo uma pobre, que pede uma esmola a v. exa.

— Que impertinência! — exclamou ela, carregando o sobrolho com gesto de enfado. — Pois dê-lhe lá uma esmola, Francisco.

O sr. abade, que ia para beber o último gole de café, ouvindo aquilo, suspendeu a xícara no ar, e acudiu do lado, com modo insinuante:

— Isso! Costume-os, sra. viscondessa — dizia ele, meneando pausadamente a cabeça — costume-os mal, e verá que lhe não largam a porta!

ÀS CEREJAS

Bateram as três badaladas do meio dia na torre de Santa Eufêmia. Os rapazinhos, que frequentavam a aula regia do José Sabino, começaram a sair, com as lousas pendentes do pescoço e os livros debaixo do braço. O mestre escola esteve um instante à porta, a recomendar-lhes, com tom de voz ameaçador:

— Ora olhai agora se ides direitos e quedos para casa, se não...

E agitava na mão penujenta o junco punidor.

Enquanto o olhar austero do mestre os alcançava, bem iam eles, todos muito direitos, dois a dois, de mãos dadas, como uma leva de degredados; mas, apenas o caminho voltava para a direita, e entre o mestre e os discípulos ficava uma sebe muito alta e espessa, que os abrigava, adeus! corria tudo em debandada, como abelhas que irrompem de um cortiço!

Eu, então, gostava imenso de ver a pequenada assim, a correr, a saltar, a rir às gargalhadas, escalando os muros, invadindo os campos, como uma horda de vândalos terríveis. Só me custava ver, no tempo defeso, quando eles trepavam pelos castanheiros, para ir lá cima roubar entre os ramos as ninhadas dos passarinhos.

Assim que chegava o mês do S. João aquela enorme figueira do passal aparecia toda carregada. E os ramos que ficavam eminentes sobre o cunhal do muro, até vergavam para fora, para o lado do atalho, com o peso dos figos!

Era um fartote para os pequenos!

O mais destro marinjava pelas fendas do muro, escachava-se num galho mais consistente da árvore, e de lá ia atirando para baixo os figos maduros, a que podia chegar.

E o bonito era ver o abade, o bom velho do abade, que desatava a rir muito satisfeito, quando a criada lhe referia indignada o assalto dos pequenos.

— Coitaditos! — dizia ele — Ó Ana, quem me cassara a mim no tempo em que eu fazia o mesmo às macieiras do pároco da minha terra!

De uma vez que os surpreendi na figueira do passal, lembrei-me com saudade de um assalto que eu dei também — vai isso há um bom par de anos! — a uma cerejeira...

Eu conto a história:

* * *

Já me penjava o buço; e como tinha a vida menos canceirosa e o sangue na guelra, dei em frequentar os teatros e em ler romances! Foi a minha perdição! Por um capricho da sorte, quase todos os romances falavam de janotas que se perdiam de amor por atrizes. De uma vez até se me deparou um dialogo entre Alexandre Dumas e outro escritor francês. Dizia assim:

— Parece incrível, Alexandre, que em Paris andem cinquenta rapazes doidos de amor por atrizes.

— Parece incrível — opôs o Papá Dumas, que era pecadoração vezeiro neste particular — que haja cinquenta que o não estejam!

Vão lá dizer-nos que tudo aquilo é ficção!

A gente principia a ler romances e tem logo vontade de realizar na vida o que eles nos referem. Todos queremos ser Antonys, Werters, Camors, Armandos...

Nos bastidores do teatro Baquet levantei eu o altar para o sacrifício do meu coração. Principiei a entabular relações com os atores cômicos, — que a gente se persuade estão sempre a rir, e que, por via de regra, são os mais sorumbáticos cá por fora, — depois com os tiranos e os galãs. Era isto indispensável a um noviço, que, mais tarde, tivesse de cair apaixonado aos pés mimosos de qualquer atriz sentimental.

Eu então tinha gosto e jeito para o namoro — diziam-me os amigos! E esta fama veio de me ouvirem improvisar um madrigal à mais gentil e talentosa atriz desse tempo.

Estava eu à porta do camarim do Dias, que tem um filho chamado Josué. Como durante o espetáculo a atriz não tivesse correspondido à impertinência dos meus olhares frechados por um binóculo, quando ela passou, voltei-lhe as costas e não a cumprimentei. Vejam que despeito!

Chegou-se ela ao pequenito, acariciou-o, e disse-lhe, a sorrir:

— Tu não voltas a cara à gente, não Josué?

E fitou-me com ar insinuante.

— Este Josué — acudi eu, soprando uma espiral de fumo do charuto — parece-se agora com o Josué da Bíblia.

— Porquê? — perguntou Dias.

— Faz parar o sol!

Esplêndido!

Daí por diante, uns sujeitos que hoje são mais felizes e mais tolos do que eu, vinham pedir-me frases para eles improvisarem à passagem das requestadas.

Chegou de uma vez, em meado de abril, uma companhia de zarzuela.

Às primeiras damas não falava eu. Qual! Essas, via-as eu passar pelo braço de uns figurões de bigodes espessos e suíças grisalhas, cabelos lustrosos puxados para as têmporas, com ares sérios e graves de diplomatas.

Eu só conhecia as comparsas, as que faziam de soldados rasos na *Marina*, de ninfas no *Jovem Telêmaco*, de camponesas na *Catalina*, e que no *Relâmpago* dançavam o tango, vestidas d'encarnado, com os rostos farruscados a fingirem pretos!

Dentre elas havia uma, a Consuelo, que era muito formosa, muito elegante, e que eu preferia às outras. Ainda me parece que a vejo, quando ela passava no meio dos adoradores, saracoteando os quadris, o peito ancho, o tronco descaído para trás, na cintura, e a cabeça levantada e oscilante, como a cabeça esbelta de um cavalo andaluz. Tinha os olhos pretos, úmidos e azougados, que é como o povo diz de uns olhos que tem a clerótica levemente azulada, os lábios cor de cereja, um pescoço de garça, como o dos retratos da Marie Antoinette, e um pé tão pequenino, gracioso e arqueado, que inspirava desejos de lhe dizer com o nosso Padre Manoel Bernardes: “Dá-me limpeza grande nos meus lábios para calçar teus pezinhos de mil ósculos santos!”

Às vezes, tinha momentos de uma tal melancolia, de tão profunda mágoa, que me deu vontade de lhe saber a causa. Encontrei-a uma noite de benefício, sozinha, a cantar a meia voz esta seguidilha:

*En un ameno bosque
Mi niña duerme,
Cuidado, pajarilos,
No se despierte.
Decid al viento
Que mientras ella duerme,
Que sople quedo.*

E ficou depois muito triste, encostada à porta do camarim, com os olhos fitos no bico de gás, que se abria trêmulo como o leque febril de uma espanhola. Tanto

indaguei e com tão sincera simpatia o motivo daquela tristeza, que cheguei a sabê-lo um dia.

Coitadinha! Consuelo era filha de uns saltimbancos. A mãe — que já tinha morrido — dançava na corda bamba, o pai fazia jogos malabares, prestidigitação, sabia ler a *buena-dicha* e era um tenor excelente em barracões de feira. Uma irmãzita mais nova, a Conchita — oh! que linda! — essa dançava boleros e fandangos, no meio das praças públicas, sobre um tapete esfarrapado, ao som de um tambor, que o pai rufava para atrair a multidão.

A Consuelo, com as mãos fincadas nos quadris, a cabeça levantada, e a sorrir, cantava malagueñas, enquanto o pai agitava uma pandeireta biscaia com soalhas de latão!

Como era bonita não lhe faltavam galanteios e bravos.

— *Alza — Olé! olé!* gritavam os espectadores, batendo as palmas — *Alza, Consuelo!*

Logo depois que a mãe morreu, principiou a ir lá por casa, enquanto o saltimbanco estava na taberna, uma velha esquálida a induzir a Consuelo que fugisse ao pai e que fosse para uma companhia de zarzuela, que um empresário rico ia organizar. Tanto a velha lhe pregou, e sempre com prendas, com ramos de violetas e *Que guapa que és! Caramba! que serás feliz!* que a pobre rapariga, uma fria manhã de nevoeiro, levantou-se da cama, foi, pé ante pé, beijar a Conchita, que ainda dormia, e fugiu!

Vejam que desgraça!

Afinal, de terra em terra, de desilusão em desilusão, sem um raio benéfico de esperança, que lhe fulgurasse na negrura da sorte, veio a Consuelo parar a Portugal!

— Hoje — disse-me ela — não me contentava o ouro, nem as palmas, nem nada! Trocaria tudo, por ver meu pai e a minha Conchita!

E a voz trêmula embargou-se-lhe na garganta sufocada pelas lágrimas!

— Mas que canção é essa que a faz entristecer? — perguntei eu.

Era uma canção popular, com que a mãe da Consuelo embalava nos braços a Conchita, quando era ainda muito pequenina:

*En un ameno bosque
Mi niña duerme,*

*Cuidado, pajarilos,
No se despierte.*

Antes três dias de partir a companhia para Sevilha, eu e uns amigos oferecemos a Consuelo um jantar, no campo, debaixo de uma ramada.

Era pelos últimos dias de maio.

Tínhamos partido de madrugada, enquanto as gotas do orvalho tremeluziam nas encostas floridas, para fugirmos ao calor intenso do meio-dia.

A verdura tenra dos prados ondulava serenamente à mercê da viração fresca da manhã.

Quando a estrada costeava o sopé de uma colina, nós saltávamos da carruagem e seguíamos então a pé, cortando a eito pelos atalhos, atravessando por meio de campos de milho e de extensos trigais, abrigados pela sombra das carvalheiras, onde chilreavam os pintassilgos e rouxinóis.

Às portas dos currais encontrávamos ainda as vacas saindo pausadamente para o pascigo. Na residência do sr. abade via-se o muro do passal coberto de trepadeiras; e por baixo do peitoril de uma janela, em uma gaiola de cana pendurada na parede, assobiava um melro.

Consuelo ia encantada!

O ar fresco, puro e sadio do campo abria-lhe apetites selvagens e contraditórios.

Às vezes desejava ser como o boi manso, que vai pastando tranquilamente, num bosque, à beira d'água corredia; outras, então, queria antes ser como a potra que se avistava, ao longe, num extenso prado, correndo, com as crinas esparsas, aos pulos, sobre os giestais floridos!

Ao passar pelos silvados, Consuelo colhia as amoras maduras, e comi-as com sofreguidão.

Ao cabo de um quarto de hora de caminhada, avistou Consuelo, no fundo de uma ladeira, que descia para um pomar, uma cerejeira carregada de fruto.

— Cerejas! — exclamou ela. — Ai! eu quero cerejas!

Descemos todos ao pomar; e então eu, que era o mais aldeão, trepei pela árvore acima, até aos ramos mais altos.

Consuelo ficou em baixo para aparar as cerejas. Os primeiros dois pés que eu lhe lancei, colocou-os ela sobre o pavilhão dos ouvidos, como dois brincos. Ficavam-lhe como duas contas enormes de coral! Em seguida apanhou na ponta dos dedos a roda do vestido, à frente, e disse-me que atirasse para ali as cerejas que fosse colhendo.

— Lá vai, Consuelo! — gritava eu de cima!

— Venham — dizia ela.

E, fechando os olhos, retezava e repuxava o vestido para as aparar ali todas.

Já Consuelo tinha uma boa regaçada, quando, de repente, ouvimos, ao longe, uma voz trêmula, que cantava assim:

*En un ameno bosque
Mi niña duerme;
Cuidado, pajarilos,
No se despierte.*

Consuelo foi deixando, pouco a pouco e quase insensivelmente, cair o vestido, cair as cerejas, cair os braços; e ficou a olhar para mim, com a cabeça erguida, na imobilidade de uma estátua.

Eu, que estava nos últimos galhos da árvore, em ponto eminente, ainda pude alcançar a estrada.

E vi, então, sair de uma taberna, que se abria, uma companhia de saltimbancos.

la atrás um velho, vestido de malha, com lentejoulas, que reluziam ao sol. Levava, pela mão, uma pequenita, com uma saia curta de cambraia muito suja e remendada. O saltimbanco caminhava devagar, com a cabeça descaída para o peito, os olhos no chão, a cantarolar:

*Cuidado, pajarilos,
No se despierte...*

Depois, quando descí os olhos para a Consuelo, que permanecia em baixo, como estarrecida, vi-lhe à flor das pálpebras duas lágrimas enormes, que tremiam, como duas gotas de orvalho nas pétalas de uma rosa!

O JANTAR DO NATAL

Até a natureza se enfeita para festejar também o Natal do Deus-Menino!

Ao meio dia, quando o sol parece estacionar no zênite, como um viajante que pára no viso de uma montanha, para resfolegar da caminhada, estava o firmamento azul, de uma limpidez cristalina, tépido o ar, e dentre as flores silvestres dos prados e das encostas ascendia uma tênue vaporização, como se a terra fosse um enorme turíbulo a incensar para o céu!

As vacas descansavam nos currais, os rebanhos nos redis; e, à sombra das arribanas, viam-se os carros com os cabeçalhos caídos, os arados com as rabiças por terra, e as cangas, os ensinhs, todo o utensílio da lavoura deposto a um canto, como armas valentes do trabalho nas feriadas e alegres horas do descanso.

As moças iam colher arregaçadas de violetas e rosas para inflorar o presepe. Nas cozinhas andava tudo em uma roda viva! Tirava-se da arca a melhor toalha de linho, a melhor louça da copa, e punha-se na mesa que nem um palmito! Até o balaio do pão estava aberto e franco; porque não havia de haver pobrezinho que fosse da porta sem a consoada!

E o presepe? Aquilo podia-se ver! à frente, deitado sobre as palhas de um estábulo, via-se o Menino, de barriga para o ar, nuzinho em pelote, a sorrir para Nossa Senhora, que o contemplava, de joelhos, com o radiante jubilo das mães. Da outra banda estava S. José com a enxó e o martelo de carpinteiro postos ao lado. Mais atrás, uma vaca malhada fitava no Infante os seus grandes olhos redondos; e um jumento lanzudo, de orelha empinada, aproximava cobiçosamente o focinho, dilatando as ventas ao cheiro fresco da palha. Pelos atalhos da encosta, desciam à frente das bailadeiras, os pastores de Belém, um a soprar na gaita de foles, outro a rufar no tambor, outro a bater as castanholas. No cabeço do monte, apareciam já os três reis magos, S. Balthazar, S. Belchior, que é o rei preto, e S. Gaspar; e todos eles cobertos de capas de arminho, com as coroas reluzentes, e montados em cavalos baios e russos, ajaezados de ouro e pedrarias. No cimo de tudo, entre nuvens, surgia uma pomba branca, de cujo bico cor de rosa se espargiam raios de luz celestial, que vinham aureolar o berço do Deus Menino! Era uma coisa rica!

Em volta do presepe, a pequenada cantava alegremente:

Ó Infante suavíssimo

Vinde, vinde já ao mundo...

E interrompiam o cântico para correrem à porta a ouvir as raparigas da vizinhança, que entoavam em coro:

Vimos dar as boas festas à senhora morgada E pedir-lhe que nos mande Já a nossa consoada.

Pois não? Lá entra aquela tropa fandanga na cozinha para ajudar a fazer os mexidos e a apurar as rabanadas com mel e vinho quente! Uma folia, que era mesmo um regalo ver!

Antes de se ir para a mesa, contaram-se os convivas; que não fosse chegar-se ao número treze, e não houvesse mais alguém! Credo! O número treze é número aziago! Estando treze pessoas ao jantar, no prazo de um ano, tem de morrer uma. E deixem lá falar quem fala, e quem diz que são histórias! Até Alphonse Karr confessa que não gosta de jantar em mesa de treze pessoas!

— Também esse? — pergunta circunspectamente a sra. morgada, sem ter o gosto de o conhecer.

— Pudera, minha senhora!

— Então, vá vendo!

— Mas — atalha o cético — diz que não gosta de estar à mesa de treze pessoas, quando o jantar chega só para doze.

— Ah! — exclamou a companhia — olha o demo do homem!

Quando todos procuravam o seu lugar respectivo, exclamou alguém:

— E o tio Simão?

— Ai! que falta o tio Simão!

E cada um se desculpava com o próximo.

— Esta gente trás a cabeça a juros! — exclama a senhora.

— Já viram? Ir-se jantar sem o velhinho!

— Quem chega aos açudes chamar pelo Simão?

— Vou eu.

— Eu vou.

— Eu também.

Afinal, vai tudo.

As raparigas ergueram-se todas de uma vez e deitaram a correr! Parecia mesmo uma revoada de pombas mansas, que ouvissem estourar ali perto um tiro de espingarda! Fugiu tudo!

* * *

Morava o tio Simão da outra banda do rio. Tinha uma casita de telha vã, com o seu palminho de terra plantado de horta. Contava 75 anos, mas rijos, e tão rijos, que o deixavam ainda atravessar as poldras, todos os domingos, quando vinha jantar a casa da sra. morgada. Fora ele casado, e tivera três filhos; mas chamou Deus a si os três filhos e a mulher, e deixou-o sozinho neste mundo, a viver da caridade dos seus benfeitores.

De uma vez que estava sentado ao sol, que — como diz o outro — é a roupa dos pobres, viu aproximar-se um cão amarelo, pequeno, feio, rabudo, com duas malhas na cabeça. O Simão atirou-lhe pão; e, tanto que lhe foi dando de comer, conservou-se o cãozito junto dele. Depois já ninguém o retirava dos pés do seu benfeitor.

Para quem vive sem companhia vejam lá que alegrão é encontrar junto de si um pequenino animal, que nos vê com olhos cheios de desinteressado carinho! Ficou o cãozito sendo o companheiro do tio Simão. Como viesse sem nome, que é como aparecem os enjeitados, o tio Simão batizou-o.

— Fiel! — exclamou ele — Fiel, anda aqui.

E aproximava-se o Fiel do velhinho, com a obediência afetuosa de um filho amado. Para onde fosse o Simão ia o Fiel.

Assim que o sol lhe bateu no postigo — que era ao meio dia que tinha lugar a visita — o Simão enfiou a jaqueta melhor que tinha, pegou no cajado a que se arrimava, chamou pelo Fiel, deu volta à chave e encaminhou-se para a residência da morgada. Quando ia a pousar o pé na primeira pedra, viu o Fiel, que ia na frente, resvalar na pedra escorregadia, e cair ao rio!

O Simão recuou cheio de susto, de aflição, com as mãos postas em súplica. O cão principiou a nadar para o seu dono; mas ia tão grossa a levada, que o não deixava vencer a corrente. Depois de muito esforço, conseguiu afinal abordar;

mas todo alagado, a tremer, a ganir, com o corpinho coberto das contusões, que tinha recebido do embate das pedras.

— Anda, Fiel, anda, meu filho — dizia o pobre velho a chorar.

Tomou o cãozito nos braços, achegou-o do seio, e desandou para casa. No caminho ia dizendo:

— É o mesmo! Farei eu o caldito, que há de chegar para nós ambos!

* * *

As raparigas, que tinham saído da casa da sra. morgada, iam já perto do sinceiral do rio, e não tinham ainda visto o Simão. Desceram por uma vereda; e, quando chegaram à margem, gritaram algumas:

— Ó tio Simão! eh! tio Simão!

Ninguém lhe respondeu.

— Vamos topá-lo em casa — propôs a mais expedita.

Arregaçaram as saias; e, pé aqui, pé ali, atravessaram cautelosamente para a outra banda.

Ao chegarem a casa do tio Simão, aldrabaram à porta; e a que bateu não ouvindo o ladrido do cão, exclamou para as companheiras:

— Querem vocês ver que o tio Simão já foi? O Fiel não dá sinal!

Ao cabo de um instante, porém, apareceu o velhinho a abrir-lhes a porta. E Jesus! que gritaria! Falavam todas a um tempo, e ninguém as entendia.

— Aposto que estava a ajanotar-se! — dizia uma.

— Ora, já viram? acudia outra. Como vai para o meio das moças, o tio Simão enfeitou-se que nem um altar-mor!

— Hoje deita os rapazes todos a um canto! Olha, véstia nova, hein?!

E enquanto lhe diziam isto, uma ajeitava-lhe a gola da jaqueta, outra laçava-lhe o lenço do pescoço!...

Quando conseguiu que elas o ouvissem, o velhinho respondeu:

— Digam vocês à sra. morgada que hoje não vou lá.

— Como não vai, tio Simão? Dia de Natal e não há de ir? Isso tem lá lugar!...

Ele então contou-lhes o que tinha havido.

— Ora, adeus. O Fiel o mais que tem é nada! É um mimalho, é o que ele é. Deixe que eu lá vou.

Entraram todas para ver o que tinha o Fiel. O cão estava deitado na enxerga do Simão, abafado com o cobertor da cama, a tremer.

Uma das raparigas tirou-o para fora, enxugou-lhe o pelo com jeitoso carinho, embrulhou-o no avental e disse:

— Eu levo-o comigo, coitadinho!

Na lareira já cantava a panela, que estava sobre quatro achas acesas.

O tio Simão, que assistia a tudo aquilo com lágrimas nos olhos, disse:

— Deus vos pague no céu, minhas filhas, os benefícios que fazeis a este pobre velho.

Tornou a pegar no cajado, que tinha ao canto, e foi com as raparigas. Como ele ia alegre, direito, valente no meio delas!

Os vizinhos diziam-lhe:

— Ó Simão, deram contigo as moças, estás arranjado!

E ele fartava-se de rir como um perdido!

Outros, quando viram o Fiel no colo da moça, perguntaram com malícia:

— Ó menina, onde é o batizado?

* * *

Ao cair da tarde, o velhinho voltou para casa. Vinha vermelho, e caminhava depressa, apumado, como um rapaz. Como até vinha a cantarolar pelo caminho:

*Eu entro já na lapinha
Pois me não posso conter,
Porque a sua formosura
Me enche de gosto e prazer.*

Um vizinho que o viu passar, disse consigo:

— Hoje o Simão leva o seu grãozito na aza!

Á frente, o Fiel, ia seguindo pela estrada, voltando-se constantemente para trás, com medo de que o dono lhe fugisse, e se deixasse ficar com as raparigas!

E, então, o Fiel ia tão alegre, tão bom, tão esquecido do banho, que até já ladrava às pernas dos transeuntes! Era um tirano!

VINHOS E ÁGUAS-ARDENTES

Quando entrei no cemitério, lobrei, ao fundo, por entre a rama de alguns ciprestes, que orlavam as ruas transversais, o coveiro a levantar as últimas pazadas de terra de uma vala.

O homem cantarolava assim:

*Menina, que está à janela,
A lançar goivos à rua...*

E, depois, agachado no cairel, media com o cabo da enxada a profundidade da cova, prosseguindo alegremente:

*Se o coveiro aqui passa,
Vai pôr-lhos na sepultura.*

Meteu a pá da enxada na leiva de terra, que lhe ficava ao lado, transpôs o cômodo de outras sepulturas, e parou junto de um esquife pobre, de pau, sem forro, com os símbolos da morte pintados de amarelo.

Arrastou-o com esforço para a boca da vala, escancarou as tampas; e, ao dar com o rosto do cadáver, exclamou de si para si:

— Ora espera! Eu conheço esta rapariga!

Entreabriu os lábios com a unha do dedo polegar, concentrou-se um instante a meditar com os olhos fechados; e, por fim, continuou compadecido:

— Ah! És a Rosita do tecelão!

À medida que retirava com jeitosa piedade o cadáver do esquife, lamentava:

— Pobre rapariga! Eu logo vi que te não delatavas atrás da filha!

Depois, o resto foi rápido e breve.

Baldeou o cadáver ao fundo da cova, lançou-lhe por cima a terra que tinha levantado, recalçou bem com os pés juntos os últimos torrões, e retirou-se para casa, com a enxada ao ombro!

* * *

Aí vai ler-se a história dessa mulher. A sua vida é a vida trivial de muitas desgraçadas.

Quando tinha apenas dezoito anos, Rosa chorou as primeiras lágrimas do coração retalhado sobre o cadáver da mãe, que lhe expirou nos braços.

Ficava sozinha no mundo, a viver pobremente do seu trabalho honesto e incessante, sem uma voz consoladora que a alentasse a arrostar todas as adversidades, que a sorte lhe havia de deparar.

O grande perigo estava-lhe na peregrina formosura do rosto e na inocência do coração, que é a formosura da alma.

Um dia o Benjamim tecelão, um rapaz alegre e bem parecido, que de há muito lhe arrentava a porta, disse-lhe que a amava; e, para justificar a sua declaração, propôs-lhe com voz trêmula a sua mão de esposo. Mentiu-lhe.

Ao cabo de onze meses, durante os quais o tecelão ia inventando embargos à realização da sua promessa, a pobre rapariga deu à luz uma filha. As primeiras alegrias da mãe deram tréguas ao sofrimento do coração ludibriado. A filha chamava-se Isabel, que era o nome da mãe de Rosa.

Depois, quando as lágrimas lhe rebentavam copiosas, Rosa tomava a criancinha nos braços, e um sorriso dela era-lhe um grato refrigério para as amarguras da vida.

O operário entendeu que a filha era um vínculo mais apertado do que a estola de um sacerdote. Propôs a vida em comum. Rosa acedeu de pronto, fiada em que o amor de pai talvez despertasse na consciência de Benjamim a ideia do casamento, que a reabilitasse.

O tecelão, vendo que o trabalho de Rosa bastava às despesas da casa, deixou-se ficar uma semana sem ir à fábrica. Quando a ociosidade lhe era tediosa, ia procurar distração na taberna mais próxima. Voltou de novo ao trabalho; mas o seu produto despendia-o consigo e com os amigos, às mesas das tabernas e às bancas do jogo, esquecendo-se de Rosa e da filha. Aconteceu Rosa adoecer da muita fadiga, e pedir algum dinheiro a Benjamim. Não teve ele coragem de lho negar; mas entregou-lho de um modo tão áspero, que ofendeu o coração da desventurada mãe.

Foi aí que principiou o calvário de Rosa!

Benjamim entrava em casa, por altas horas da noite, cambaleante e obsceno. Atirava quantos insultos lhe lembravam ao rosto da rapariga. Rosa amparava-o com brandura, sofria-lhe os escárnios com a mais santa resignação, auxiliava-o a

deitar-se; e, depois, quando Benjamim, com os cabelos em desalinho, o rosto descorado, ressonava, prostrado com o peso da embriaguez, ela quedava-se a contemplá-lo, com as faces cobertas de lágrimas.

O viço da sua formosura ia pouco a pouco desaparecendo. Já não tinha o mesmo brilho nos olhos, o mesmo cetim na cútis, a mesma ondulação nos contornos do rosto. As lágrimas deixavam um vestígio indelével da sua passagem, e Rosa envelhecia e esfeiava.

Benjamim, ao acordar do dia seguinte ao da embriaguez, sentia-se enfasiado da presença daquela *velha*, e saía de casa sem lhe dirigir uma palavra de gratidão e carinho!

De uma vez — tinha Isabel sete anos — o tecelão chegou a casa num estado lastimoso. Dois amigos e consócios de taberna levaram-no nos braços, até à porta. Benjamim subiu a custo os degraus íngremes da escada; abriu de repelão a porta da sala, e apareceu hediondo, a tremer, com os olhos injetados, os lábios convulsos, os cabelos empastados de um suor viscoso. Fez um esforço para se aproximar de Rosa. Estendeu os braços para se arrimar à parede; abriu as pernas para conservar o equilíbrio; e, ao arriscar vacilante o primeiro passo, caiu de bruços, com todo o peso do corpo, sobre o pavimento!

Isabel, que já dormia, acordou sobressaltada com o estrondo da queda, e principiou a gritar de medo! Benjamim ergueu-se de golpe, dirigiu-se à enxerga, em que dormia a filha e espancou brutalmente a pobre criança, que emudeceu de terror aos primeiros tratos. Acudiu Rosa, implorando com altos brados a Benjamim que perdoasse à filha; mas o bêbado respondia às súplicas da mãe com pancadas e empuxões.

Ao outro dia, a Isabel tinha o corpinho tão macerado, que mal se podia remover da cama. Rosa levantou-a carinhosamente nos braços, agasalhou-a em umas saias de baeta, e, logo que o tecelão saiu de casa, foi com a filha ao hospital da Misericórdia. O facultativo, que observou a criança, viu, através das lágrimas da mãe, a causa daquelas contusões. A pequenita estava muito doente.

Ao terceiro dia, a filhinha chamou com voz débil pela mãe, pediu-lhe que se sentasse na enxerga, bem junto dela, encostou-lhe a sua loira cabecinha no regaço, e disse-lhe:

— O pai é muito mau! E a mãe chora tanto! Se eu morrer, hei de pedir a Nossa Senhora que leve a mãe para junto de mim; quer?

Rosa não respondia, porque os soluços, que lhe estalavam o peito, lhe embargavam a voz.

A Isabelinha então, já com a vista turva, e a boca entreaberta, lançou os braços ao pescoço da mãe, para a chegar mais de si, estremeceu da derradeira convulsão e... expirou!

Ao cabo de um mês, durante o qual o padecimento de Rosa fora horrível, o mesmo coveiro que enterrou a filha, abriu ao lado outra cova para receber a mãe.

* * *

O rosto daquela mulher, magro, lívido, macerado, tinha a impressão indelével das torturas por que passara. Não havia nele as contusões da agonia dos delinquentes, que morrem convulsionados pelo terror de um castigo eterno. O derradeiro alento entreabriu-lhe nos lábios um sorriso de bem-aventurança!

É como ficam as criaturas, santificadas pelo martírio, e que esperam na morte a hora do seu resgate!

E quem diria — pobre criança! — que tinhas apenas vinte e cinco anos, e que foste formosa, e que te julgaste feliz no dia em que pousaste pela vez primeira os lábios convulsos de alegria na face cor de rosa de tua filha!?

E saber-se que o martiriológico é com certeza o único elogio fúnebre de tantas desgraçadas como Rosa!

E Benjamim?

Benjamim, aquele homem que seduziu impunemente uma mulher e que matou impunemente a filha, prossegue inflexível na vida crapulosa, dominado pelo vício da embriaguez, em que tem perdido, pouco a pouco, o vigor e a vida de todas as faculdades, a saúde, a honra e a própria dignidade de um ser humano!

AS ARRECADAS DA CASEIRA

Reza a *Folhinha* que é a 26 de fevereiro o dia de S. Torquato — santo guerreiro, que recebeu na face esquerda um golpe de alfanje maometano, em guerra de cristandade; — mas a grande romaria tinha sempre lugar aí pelo meado de junho.

Fica a ermida situada em vasta esplanada, no alto de uma colina.

Logo ao romper d'alvorada, pelos atalhos da encosta vinha subindo a turbamulta dos romeiros foliões. Há cinco anos, como estava um dia de muito sol e de grande calor, era bonito ver o rancho dos lavradores, que vinham abrigados debaixo dos enormes guarda-soes de paninho escarlata. Aquilo é por luxo! Olha quem! Eles que andam todo o santo dia do trabalho, no meio dos campos, a sachar, a lavar, a podar, expostos à torreia, tem lá medo do calor! Pois assim que chega um dia de festa, fingem-se mimosos e abrem então os seus guarda-soes. Outros que são mais francos, nem sequer os abrem; qual! metem-nos debaixo do braço assim como quem abrange um molho de varetas de baleia com paninho encarnado, e lá partem alegres para a romaria.

No lugar do arraial havia arcos de buxo com flores, flutuavam as bandeiras no topo dos mastros, estalavam no ar os foguetes de três respostas; e, de quando em quando, para que a folia não arrefecesse nos ânimos, rebentava um morteiro, que atroava por todas aquelas serranias. Então, via-se uma revoada de passarinhos, que fugiam para longe, espavoridos pelo estrondo!

Por detrás da ermida ficava uma alameda, e era da alameda que se gozava um panorama delicioso.

Ainda me parece que estou a ver de aqui os excelentes campos de milho já maduro, as searas do trigo douradas do sol, e em alguns campos, como o trigo viera temporão, e já tinha havido a sega, aparecia apenas a resteva; dos ramos dos olmeiros, pendiam as vides d'enforcado, e, aquém e além, em alguma herdade de proprietário abastado, destacava-se da ramaria escura dos castanhais as folhas de um verde tenro e alegre das latadas. Ao fundo, pelo córrego abaixo, seguia uma levada que ia mover ali perto as rodas de uma azenha.

No arraial alvejavam as tendas de lona, onde se vendia o vinho verde e o savel frito. Era ali que estava a grande animação!

— Beba um quartilho, tio José — oferecia um freguês.

— Pois venha de lá.

E então a peixeira, com os braços arremangados e farruscados da fritura, servia um coparrão de vinho espumante.

— Vai outro?

— Nada — acudia o tio José, enxugando os beiços às costas da mão — nada; eu quero beber, mas a modos. Se um homem lhe bebe de mais, como o outro que diz acaba por beber o juízo.

Como havia missa cantada e sermão, ouvia-se cá fora a música do coro e o canto arrastado e nasal dos padres. Os devotos entravam e saíam constantemente. De uma vez, à porta lateral da sacristia que deitava para o adro, apareceu o sacristão vestido de batina escarlata com sobrepeliz franjada de rendas, a agitar o turíbulo de prata para atear mais o fogo do incenso! Não faltava nada!

Em meio daquele poviléo houve um movimento extraordinário! Os romeiros que estavam ao longe a admirar os músicos do palanque, acudiram também a ver o que se passava! Havia apertões, recuadas, empuxões e gritaria. Formaram-se de repente duas alas de povo, para abrir uma passagem respeitosa; e, nisto, a berlinda da senhora morgada, que era a juíza da festa, apareceu então, tirada por dois cavalos possantes, com criados de libré, chapéus de tope e agaloados, rodando vagarosamente em direção à porta da capela. Nesse momento solene subiu ao ar uma girândola triunfante!

* * *

Quem nunca faltava à romaria de S. Torquato era a tia Custodia da Moita, que lá ia sempre com o homem e o netinho. Ninguém havia por aqueles arredores mais estimado e benquisto. A simpatia que eles inspiravam vinha de serem muito amigos do próximo, tementes a Deus e ao mesmo tempo serem muito felizes!

Ora façam uma idéia do que eles sofreriam! Tinham tido uma única filha, bonita moça, amiga dos pais; mas como era muito amorável e não pudesse ouvir chorar ninguém que não acudisse logo a consolar, deixou-se levar pelas lamurias de um fidalgo de Braga e...

A inocência, a bem dizer, se não é de todo cega, trata o amor de lhe vender os olhos!

No fidalgo — são baldas certas! — ao cabo de um mês de apaixonados amórios, nunca mais ninguém lhe tornou a pôr a vista em cima. A desgraçada rapariga

não teve mão em si, e confessou tudo à mãe. A velhinha chorava, que era uma dor de coração ouvi-la.

— Vocemecê anda doente? — perguntavam-lhe as vizinhas.

— Não ando lá muito boa, não.

— Vá ter com o cirurgião, tia Custodia.

— A doença que eu tenho, filha — opunha ela — são paixões d'alma, e não se curam na botica!

Decorridos alguns meses, a rapariga expirou, depois de ter deixado no colo da mãe uma criança recém-nascida.

Ora vejam! Desgraças que acontecem!

Vai para três anos que o mês de Dezembro foi para este pobre país um mês de calamidades! Ainda toda a gente se recorda com magoa daqueles dias e noites tempestuosas, em que a chuva caia copiosa e torrencial, levantando os rios do seu leito, alagando os campos e destruindo as sementeiras! Na manhã seguinte a uma dessas noites terríveis, doía o coração a quem fosse pelas aldeias e visse tantos estragos do temporal. Uns riachos, que no verão parecem uma fita d'água, que serve apenas de bebedouro ao gado, tomaram tais proporções, era tão forte a sua corrente, que levavam adiante de si as rodas dos moinhos, os telheiros, as árvores, o gado, tudo! Era uma desolação completa! à porta dos currais ficavam os pastores toda a noite de guarda com receio de que as enxurradas lhes levassem os bois e os rebanhos. De dia, encontravam-se os lavradores à entrada dos campos, a contemplarem pesarosos tamanhas ruínas; e alguns, com os braços cruzados, meneando tristemente a cabeça, exclamavam, abatidos pelo infortúnio:

— Ora aí está tanto trabalho perdido!...

Depois da chuva e das trovoadas vinham então as lufadas aspérrimas do norte. Parecia mesmo que era castigo! A ventania varejava impetuosamente nos ramos nus do arvoredos; e, se algum sobreiro mais valente, que se tinha arraigado mais à terra, tentava resistir, soprava de rijo um pé de vento, arrancava-o, como se lhe metesse pela raiz uma pá de ferro e... derribava-o! Imagine-se o que sucederia às árvores mais tenras!

A tia Custodia da Moita trazia arrendada a quinta de um proprietário do Porto. Assim que chegava o mês das colheitas, a Custodia ou o marido vestiam-se com o fato domingueiro e iam à cidade pagar a renda. E que se não dilatasse muito tempo: quando não, era logo uma carta do senhorio ameaçando-os de os pôr

fora. Morava ele na Reboleira, uma casa de aparência ordinária, com uma escada muito íngreme, suja e pouco alumiada. Os caseiros encontravam-o sempre a passear ao longo da sala, que deitava para o rio, com as mãos enfiadas nos bolsos de um casacão de saragoça já velho e remendado. Até a Custodia dizia às vizinhas:

— Tão rico, o sr. Torres, e anda que nem um pobre de pedir!

O Torres era um celibatário, egoísta, magro, esguio, nariz adunco, olhos pequeninos e vivos como os de uma ave de rapina!

Depois da invernia, a primeira vez que se chegou o mês da renda é que era ver o Torres!

Entrou a tia Custodia, levando o netinho pela mão. Expôs ao senhorio a sua desgraça, pedindo-lhe que por essa vez lhe perdoasse ou diminuísse a renda.

— Adeus, minhas encomendas! — exclamava o avarento — De cantigas não como eu! Se vocemecê não quiser, não falta por lá quem me amane as terras.

Para encurtar razões, a pobre mulherzinha sacou da algibeira um embrulho, e entregou-o ao Torres. Eram dois pares de arrecadas e um grilhão de ouro.

— Só o cordão, meu senhor, — dizia a caseira — tem quatro moedas!

O Torres observou o ouro, sopesou-o na mão; e, fechando-o em uma gaveta, disse:

— Pois bem! Quando me trazer a renda, levará o penhor. Adeus! até ao verão.

Depois que a Custodia saiu, um vizinho tendeiro dizia contristado:

— A pobre de Cristo até ia a chorar; e o rapazinho de ver chorar a avó, chorava também! Aquele Torres, diabos o carreguem, é assim...

E mostrava a mão fechada, explicando:

— Um unhas de fome!

* * *

No ano seguinte não apareceu na romaria de S. Torquato a tia Custodia da Moita. Coitada! Como não queria confessar ao marido que tinha empenhado as

arrecadas e o grilhão, fingiu-se doente, e não houve forças humanas que a tirassem de casa sem o seu ouro.

— Não que o seu homem — pensava a tia Custodia — se tal soubesse, e Jesus! era capaz de ir ter com o senhorio e fazer alguma desordem.

— O meu Joaquim? — acrescentava ela. — Boa! Tem sessenta e cinco anos; mas aquilo para armar uma bulha parece um rapaz!...

* * *

Post-scriptum.

Agora veja-se o bom e o bonito!

Há poucos meses os jornais do Porto prantearam a morte do sr. Torres, capitalista abastado, *filantropo e respeitado por todos os conhecidos.*

Esqueceu a confirmação das vítimas, a quem ele emprestava a 28 por cento!

Oh! mas era boa pessoa e caritativa, que até deixou o retrato à ordem do Terço e duzentos mil reis para missas de doze vinténs pela sua alma!...

O ANACREONTE DE CANDEMIL

Ao declinar do dia, pela tortuosa vereda que ia dar à estrada, seguia vagarosamente o tio Ambrosio, que voltava dos campos, com a enxada ao ombro. Como àquela hora silenciosa estava o caminho deserto, ouvia-se-lhe de longe o bater compassado e sonoro dos tamancos nas pedras da calçada.

Logo adiante do carvalho, e antes de chegar ao cruzeiro confinante ao adro, ficava a taberna. Eminente sobre a porta estava pendente o ramalho verde de loureiro, que a viração fresca da tarde agitava, raspando-o pelo cunhal da ombreira. Da frincha das portas mal cerradas saía para a penumbra crepuscular exterior uma réstia de luz amarela, que se estendia pela estrada até ao talude saibrento, que murava o caminho do outro lado.

O tio Ambrosio endireitou com a taberna, impeliu uma das portas, e entrou.

Dentro, abancados em torno da mesa, estavam já os parceiros da bisca. A taberneira, matrona de papeira, seio farto e braços arremangados, assistia à conversa, sentada a um canto, com os cotovelos fincados no balcão. Junto dela dormia pachorrentamente um gato maltês, zebreado, encolhido sobre as patas, como um novelo. À entrada de Ambrosio o gato ergueu repentinamente a cabeça e abriu os olhos espantados; mas, depois, como a visita lhe não fosse estranha, foi deixando, pouco a pouco, descair a cabeça, fechou os olhos, e permaneceu na mesma posição, a ressonar.

Ao lado de cada freguês havia um copo de vinho; e a luz da candeia, pendurada em cima, refrangendo-se na superfície do vidro, projetava, em torno de cada copo, um círculo sanguíneo.

* * *

O tio Ambrosio de Candemil levava a vida airada a cantar e a beber! Tinha já sessenta anos, cabelos brancos que nem uma estriga carada, voz trêmula, nariz rubro e verrugoso; mas que lhe saísse a desafio a cachopa mais palreira, que ele saltava logo:

*Não sei que mal deu agora
Nas uvas do parreiral;
Faz-me cantar toda a noite,
Como os melros do olival.*

E depois, com a jaqueta lançada ao ombro, o chapéu derrubado para a nuca, ainda o Ambrosio cantava e foliava, como um rapagão de vinte anos.

Em idade tenra e menos canseirosa, arraial em que ele não aparecesse, era como se faltasse o pregador em festa de romaria! Esperava-se por ele até ao fim. Espreitava um daqui, outro de acolá; e, quando na azinhaga aparecia o chapéu de sol de paninho escarlate, era logo uma gritaria:

— Aí chega o tio Ambrosio.

— Olha que tal ele vem!

E o guarda-sol oscilava de um e de outro lado, roçando pelos silvedos, como a vela de um navio que bordeja à toa, perdido o rumo!

* * *

O tio Ambrosio entrara silencioso na taberna, acendeu um cigarro ao pavio da candeia, e encostou-se a ver jogar. Um dos fregueses falou-lhe em sentar-se.

— Hoje não — opôs ele peremptoriamente.

— Só uma bisca, tio Ambrosio.

— Já disse — insistia ele, chupando o cigarro. — Nada; que eu bem sei como o jogo é. Uma comparação: é como quando um homem trepa acima de uma cerejeira, que, em tirando por uma cereja, vem logo uma mão cheia delas.

Os outros, que já lhe sabiam a balda, calavam-se. O silêncio contrariava-o. Precisava que insistissem, para assim desculpar a consciência. Ao cabo de dez minutos, atirava fora com a ponta do cigarro, e dizia:

— Com'assim vá lá. Mas só três jogos, e arrumou.

Espevitava-se o morrão da candeia, cedia-se o lugar respectivo, e então é que era ver a partida.

O jogo corria silencioso até quase ao fim; mas, depois, o tio Ambrosio, com as cartas abertas em leque na mão esquerda, e com uma carta levantada na outra mão, olhava de soslaio o adversário da direita, e principiava:

— Ora ponha-me aqui a bisca, ainda que lhe custe.

E batia com a carta sobre a mesa de um modo triunfante.

O do lado jogava uma carta de trunfo. E o tio Ambrosio a tremer, irritado, com o punho cerrado suspenso sobre as cartas, suplicava ao jogador, que tinha defronte:

— Recorte, parceiro, recorte.

— Recorte — repetia o outro por entre dentes, — recorte o quê? olhe.

E jogava a bisca.

O Ambrosio, então bebia de um trago meio copo de vinho, e exclamava desesperado:

— As cartas tem o demo!

No fim perdia o jogo; e, como os adversários renovavam o vinho, e ele enchia o copo que lhe pertencia, perdia o juízo.

Havia já muito tempo que lhe era difícil topar na terra um parceiro amigo para a sueca.

— Adeus! — diziam-lhe eles, encolhendo os ombros. — Quando você pega num baralho, até parece que lhe dá o tringulomangulo. Coisa assim!...

O vício da jogatina passou-lhe ao cabo destes repelões; mas, por desgraça, foi procurando no copo a distração que lhe faltava no baralho. Daí em diante, diga-se em abono da verdade, o tio Ambrosio só cantava e bebia.

Canta que logo bebes, diz o rifão.

Com o tio Ambrosio, porém, mudava o caso de figura. Bebia primeiro, bebia depois, bebia no fim; e desatava a cantar que nem um rouxinol.

Ora, depois disto, em que tenho a glória de ser o Plutarco deste herói, vejam se andei mal, chamando-lhe Anacreonte de Candemil.

A distância que vai de Ambrosio a Anacreonte mede-se pela que vai do tamanco transmontano à sandália grega, das cepas tortas de Amarante aos vinhais racimosos de Chios, das faldas agrestes do Marão às formosas marinhas da Jônia, *província das violetas.*

* * *

Pelos primeiros dias de maio, antes das festas do Espírito Santo, o céu estava sereno e azul, as árvores frondentes, e na ramaria dos bosques gorjeavam os

melros. Havia flores nos prados, flores nas encostas, flores por toda a parte. A natureza enfeitava-se como noiva graciosa que se prepara alegre para o festim dos esponsais.

Pois, quando havia tanta luz, tanta vida, tanto amor, gorjeios pelos ninhos e rosas pelos silvados, era triste pensar que alguém estava para deixar a vida! Logo de madrugada o sr. abade atravessou da residência para o adro, antes da primeira missa do dia. O sino principiou a dar o sinal do Senhor fora.

E Daí por alguns minutos, o Viático seguia por um atalho, ao canto plangente do Bendito, entoado em coro pelas mulheres, que caminhavam atrás, acompanhando o Sagrado.

O palio parou à porta da casa em que morava o tio Ambrosio de Candemil.

Dentro, sobre uma arca de castanho, revestida com toalha de linho, estava um crucifixo ladeado de duas tocheiras de chumbo. A um canto da sala, o velho Ambrosio agonizava reclinado no espaldar do leito. Não tinha na face a alegria expansiva dos últimos dias, em que cantarolava na taberna. Estava pálido, os olhos amortecidos, as faces descarnadas, a boca enviesada de paralitico.

Foi confessado e sacramentado.

O abade abeirou-se lentamente do enfermo, com o cibório nas mãos. Preparou-o solenemente para o trespasse.

Quando lhe ungia os lábios com os santos óleos, murmurando as palavras do ritual: — *Per istam unctiouem indulgent tibi Dominus quid quid delinquisti per gustum*, o Ambrosio fincou os punhos na enxerga, ergueu-se com esforço e ânsia, volveu os olhos em torno do leito, como quem desperta de um sonho, e inclinando-se para o abade, perguntou-lhe com voz débil e convulsa:

— É vinho?

E descaiu lentamente para trás, com um sorriso de bem-aventurado a radiar-lhe a fronte — como um justo que morre na esperança de encontrar na vida d'além-túmulo as adegas bem providas de Amarante!

Talis vita, finis ita.

O ABANDONO DO MOINHO

À porta da azenha estava o macho intonso, preso pelo cabresto a uma argola da parede.

Enquanto o não carregavam voltava melancolicamente a cabeça para o lado, estendia o pescoço lanudo, e ia tosando uma moita de silvas, que murava o atalho.

De entre o ruído trêmulo da mó e o marulho da levada, caindo do cubo nas penas do rodízio, em baixo, ouvia-se gritar lá dentro:

— Anda Daí, que são horas. Avia-te.

Depois, apareceu à porta o moleiro, com o chapéu enfarinhado caído para o ombro esquerdo, segurando no ombro direito o taleigo da fornada. Vinha ainda a gritar:

— Despacha-te, rapariga. Mexe-te, filha.

E atirou com o fole para cima da besta. A moça veio depois, e carregou-a com um fole do outro lado. Atiraram-lhe em seguida a cilha para cima; e o moleiro com o joelho fincado na barriga do macho, principiou a apertar a carga, torneando o arrocho com esforço.

— Pronto! Põe-te já a caminho, que eu não me delato, Terezinha.

Apenas se julgou fora do alcance da vista do pai, que se deixou ficar à porta, com uma perna cruzada sobre a outra, o chapéu braguês derrubado para os olhos, a vê-la subir a encosta, a rapariga saltou para cima do macho, ajeitou-se no meio dos taleigos, e continuou pelo atalho acima, a cantar:

*Ao passar hoje no rio
Vi nas águas o teu rosto;
Cuidei que ias na levada...
Ai! coração que desgosto!
E ao ver o teu rosto ali
(O que são coisas do mundo!)
Cuidei logo que uma estrela
Tivesse caído ao fundo.*

O moleiro voltou para dentro, a prober a moega de grão; enfiou depois a jaqueta de cotim axadrezado, calçou as sapatas ferradas, que tinha a um canto, fechou por fora a porta da azenha, arrecadou a chave, e abalou na piugada da filha.

Assim que chegou a meio do atalho, cortou à esquerda por uma quelha pedregosa, atravessou por um carreiro, que costeava uma bouça; e, fincando as mãos no muro tosco de rebos, saltou de um pulo para o meio da estrada.

Corriam os primeiros dias de março.

Como tinha descampado, havia pouco tempo, os caminhos estavam lamacentos, sulcados pelas rodas dos carros; e nas terras baixas viam-se ainda as águas da chuva empoçadas e cobertas de limo. O céu era de um azul cristalino, a atmosfera muito límpida; e, ao meio dia, quando o sol caía de alto nos prados, até parece que as roxas previncas, as flores amarelas do trevo e as margaridas, retraíam as corolas ao peso abafadiço do calor! Nos ramos folhudos dos carvalhos e dos pessegueiros, que já floresciam, os melros assobiavam alegres, e no fundo azul do firmamento destacavam-se duas borboletas brancas que voavam dentre os silvados, subindo, subindo sempre, a tremer, num raio de sol doirado! Oh! era encantador!

O moleiro apenas escalou o muro tosco da bouça, parou um instante, colocando a mão sobre os olhos, como uma pala, para ver se lobrigava a filha. A distância de trinta metros a estrada volteava para a direita. Uma copada deveza de sobreiros, ao fundo, não o deixava enxergar para além. Por isso, foi continuando por ali fora, apertando mais o passo, com os braços bamboleantes e a esbofar de calor.

De um lado e de outro, nos campos, fazia-se a lavoura. Duas juntas de bois castanhos, aguilhoados pelo lavrador, tiravam lentamente o arado, que ia levantando e revolvendo a leiva. Aquém e além, no declive do monte, dentre a verdura tenra da infesta, alvejavam as frontarias caídas de alguns casalejos, batidos do sol do meio dia. Era um calor de rachar!

De um atalho, que ia dar à igreja, surgiu o sr. abade montado na sua égua, oh! uma boa égua de abade, gorda, pacífica e mansa que nem uma ovelha. Sua reverência vinha abrigado por um enorme guarda-sol de paninho azul, e o seu ventre redondo e farto oscilava pachorrentamente ao chouto pesado da cavalgadura.

— Ó José moleiro, — chamou ele com voz de papo. — Eh! homem! Tu vais à cata dos franceses?

O moleiro descobriu-se respeitosamente, e, enxugando o suor da testa à manga da vestia, respondeu-lhe:

— Vou ver se topo a minha Tereza, que foi levar a fornada da outra banda, a casa da morgada.

O abade, do alto da égua, continuou:

— Vi-a ontem; e olha que está fera e bonita.

— Escorreitinha é ela, graças a Deus, — disse o José, seguindo ao lado o passo da cavalgada.

— E é moça de tino, — prosseguiu o padre circunspectamente, — mas tem-me cuidado nela, que olha o demo, José, quando as arma, escolhe sempre do melhor, ouviste?

Mais adiante, ao passarem por um quinchoso, a cujo muro estava debruçada uma rapariga esguedelhada, com os braços pendentes para fora, perguntou-lhe o abade:

— Que é de teu pai, ó cachopa?

— Está a trabalhar nas obras do rio, sr. abade, — respondeu ela corando. O abade esporeou a égua, e disse para si:

— Ele é bem melhor ganhar o pão ao pé da porta, lá isso não tem duvida.

— Pois quant'ê! — concordou o moleiro, acenando afirmativamente a cabeça. E continuaram ambos pela estrada, até a uma cangosta, por onde o abade meteu, deixando só o José moleiro.

O caminho agora descia, até ao rio, onde andavam as obras da ponte nova. Já de longe se avistavam os trabalhadores.

Havia ali um grande movimento de gente. Por entre o tronco nu dos salgueiros, viam-se já as primeiras pedras do arco, subindo pelo *simples* de madeira, que se levantava de uma à outra margem.

Uma fileira de mulheres e crianças passavam constantemente da draga do areal com cestos carregados à cabeça. Antes de chegar ao rio, a estrada aparecia toda coberta de cascalho, que reluzia à luz intensa do meio-dia.

Como as águas tinham diminuído, uma barca com linguetas levadiças à proa e à popa, que servia de transporte, como uma jangada, no inverno, estava da outra banda, preza por amarras aos troncos de dois amieiros. As pessoas que tinham de atravessar o rio iam pelas alpondras desanegadas; mas quando acontecia aparecer uma cavalgadura, então era preciso que os trabalhadores lançassem sobre as pedras duas pranchas largas, que serviam de passadiço.

Quando a filha do moleiro chegou ao rio e ia a meter o macho na água, um dos homens, que ali estava, gritou-lhe:

— Não metas o burro à água, rapariga; olha que te afogas e mais ele. Espera que eu lá vou.

A rapariga sofreu o macho e esperou.

Ao aproximar-se o homem com a prancha de pinho levantada ao alto, o macho espantou-se, empinou as orelhas, recuou de súbito e, de um salto, atirou consigo e com a rapariga ao rio.

O trabalhador, que viu aquilo, principiou a gritar por socorro. Acudiram os outros; mas, quando chegaram, o macho tinha seguido para o meio, onde a corrente do rio era mais impetuosa e fazia redemoinho. A filha do moleiro caiu para o lado, estonteada do sobressalto e da sensação do frio; e os homens que lhe gritaram de terra viam-na seguir a cavalgadura com a mão preza na extremidade do cabresto.

Nesse momento, um homem que corria, muito aflito, pela vereda abaixo, logo que chegou à margem, atirou com o chapéu para a banda, e lançou-se de repente ao rio; mas apenas a água lhe bateu pelo tronco, estremeceu todo, bracejou um instante e apareceu estirado à flor da água, a boiar, com as faces roxas da congestão.

* * *

Quando ia ver as obras do rio — era esse o meu divertimento — façam ideia como eu fiquei!

Sobre uma escada de mão, trazida como uma padiola por quatro robustos trabalhadores do rio, vinha estendido de costas o pobre José moleiro, com a boca entreaberta, os olhos vidrados e os lábios roxos.

Mais adiante, a dez passos, no meio da aglomeração curiosa de homens, de mulheres e de crianças, que comentavam e lamentavam o caso, descobri a desgraçada Terezinha, morta, deitada sobre a terra, com a saia de chita colada

ao corpo pelo peso da água, deixando ver o contorno juvenil dos seus membros inteiriçados.

Ao lado, o macho, a escorrer, com a cabeça pendida e os grandes olhos fitos no chão, estava naquele doloroso abatimento, em que deve precisamente ficar um homem, depois de se lhe ter disparado a espingarda contra o peito de um amigo!

E até parece que, diante daquele quadro fúnebre, os salgueiros do rio, debruçando-se melancólicos sobre as águas, entoavam, balouçados pela aragem, uma vaga lamentação de tristeza!

* * *

Ao passar, alta noite, pelo atalho da azenha, ouvia-se lá dentro o ruído trêmulo da mó, o marulho triste da levada; e, como fazia um luar de primavera, vi destacar-se claramente no fundo azul do céu, agachada sobre o esgalho nodoso de uma figueira, que ficava ao lado — em vez do alegre rouxinol, que ali cantava todas as noites — uma coruja muito grande, a piar, a piar...

O SONHO DA NOVIÇA

Quando Gertrudes chegou à portaria acompanhada da tia e do primo, no relógio da torre do convento bateram pausadamente cinco horas da tarde.

O mosteiro de Santa Clara ficava situado no respaldo de uma colina e emboscado em uma deveza de carvalhos.

Era nos primeiros dias de novembro. O céu, toldado de nuvens, que corriam para o norte batidas de um vento áspero, estava de uma tristeza indefinível. Às vezes, uma nuvem mais densa, cor de chumbo e pesada, escurecia o firmamento, e uma chuva miudinha, como um borrico, caía então obliquamente. Quando passava a chuva, um pé de vento forte e rasteiro levantava em redemoinho as folhas amarelecidas do outono, que alastravam o chão.

A fábrica do convento era pobre, de frontaria humilde; e as paredes escuras e deterioradas pelo decurso dos anos acentuavam o conspecto melancólico e lúgubre da clausura.

Em um nicho fronteiro à porta da entrada, aparecia a imagem de Santa Clara, vestida com o hábito de freira, os olhos extáticos levantados para o céu, suspendendo, com fervor ascético, nas mãos brancas, uma custodia doirada. Debaixo do hábito apareciam os pés da santa, quase nus, cruzados no peito pelos atilhos amarelos das alpargatas.

Diante do nicho, uma lâmpada de ferro, pendente de um carritel, oscilava como um turíbulo; e a luz tênue da lamparina bruxuleava a espaços, ainda esmorecida na claridade poente do dia.

Antes de entrar, esteve Gertrudes com a cabeça descaída sobre o ombro da tia, a chorar; depois, cingiu-a estremecidamente no derradeiro abraço, soluçando:

— Adeus, minha tia, adeus!

Aproximou-se de Mateus, que assistia do lado, pálido e trêmulo, àquela separação, abriu os braços para o apertar, e disse-lhe com voz débil, fitando nele os olhos rasos de lágrimas:

— Mateus!...

E transpôs soluçante e oprimida o limiar do convento.

* * *

A comunidade viera receber à entrada, segundo as praxes conventuais, a soluçante noviça. As freiras professoras e as recolhidas estavam dispostas em duas filas, tendo à frente a madre-abadessa, já muito velha, arrimada a um báculo de prata lavrado.

Aquela sala de recepção era úmida, espaçosa, fria e soturna. Entrava-lhe a luz tênue coada pelas reixas oxidadas de duas frestas, que davam para o claustro. Ao fundo, sobre um altar e no meio de duas jarras com palmas e flores artificiais, estava a imagem de um Cristo de metal amarelo, com os braços abertos cravados nos braços de uma cruz de jacarandá. No peito nu e descarnado do Cristo refletia-se, como uma chaga viva, a luz vermelha da lâmpada de latão suspensa do dossel.

A escrivã passou o braço com protetiva ternura à cinta de Gertrudes, e encaminhou-a para diante da abadessa, dizendo-lhe a meia-voz:

— Beije a mão à nossa madre-abadessa, menina.

Gertrudes baixou os lábios à mão trêmula da freira, e recebeu em uma postura humilde, com os olhos fechados, o abraço receptivo. Em seguida abraçou-a a escrivã; e depois, de abraço em abraço, foi Gertrudes passando todas as freiras e senhoras recolhidas até à derradeira.

* * *

Abria para a cerca a janela estreita da cela de Gertrudes.

Avistava-se ao longe, recortada no azul límpido do céu, a cumiada alvacenta e escalvada de uma serra.

Mais abaixo, por entre a verdura da encosta, descia a estrada em largas curvas, como uma fita que se vinha desenrolando e alargando pelo monte.

Ao meio-dia, quando o sol caia perpendicular, a diligência subia vagarosamente, levantando espessas nuvens de pó. Viam-se os almocreves, que vinham à cidade, trazendo pela arreata a recova dos machos.

Em madrugadas serenas, ouvia-se até o chiar longinquo dos carros de bois pelos atalhos das aldeias, o telintar monótono das campainhas dos machos e o estalido seco do chicote da mala-posta.

Um dia, logo que saiu do refeitório, enquanto as freiras se recolhiam às celas para dormir a sonata da sesta, dirigiu-se Gertrudes para a cerca. Era uma hora da tarde.

Na horta, as largas folhas das couves pendiam desmaiadas com o calor intenso da estiagem. Na ramaria verde do pomar rumorejava uma viração agradável. Em torno à folhagem escura das laranjeiras, na vibração da luz, agitava-se uma nuvem transparente de *efêmeros*.

Por debaixo das latadas passeavam de braço dado algumas meninas recolhidas. Gertrudes seguiu sozinha, cosida com o muro, por onde havia uma esteira de sombra. Ao fundo da cerca, encostado ao tronco de uma magnólia, que projetava no saibro seco e faiscante da rua uma larga sombra, havia um banco de pedra.

Gertrudes sentou-se, tirou do bolso do avental um livro brochado, e abriu-o cuidadosamente, retirando com as pontas dos dedos, dentre as folhas marcadas, um grande *amor-perfeito* já mirrado e desbotado.

Ao cabo de alguns minutos de concentrada leitura, ouviu pipilar em cima.

Na extremidade de um ramo, que balouçava de leve, chilreava um passarinho, inclinado para baixo, entreabrindo assustado, com frêmitos, as azas. Gertrudes pousou o livro de banda, subiu ao banco, e, fincando-se na ponta dos pés, aprumou-se para espreitar.

Entalado num esgalho e meio oculto na folhagem, havia um ninho fofo e tépido, do qual surdiam duas cabecinhas penujentas. Pousada no rebordo do ninho, estava uma toutinegra, ministrando o alimento aos filhos.

Gertrudes estava encantada! Até suspendia a respiração, com receio de perturbar a tranquilidade do ninho!

* * *

Á noite, com a cabeça deitada sobre a brancura virginal do travesseiro, a noviça suspirava e sorria, acalentada num sonho de criança!

Ora vejam!

Estava de pé, sobre o banco da cerca, espreitando o ninho da magnólia. Os passarinhos implumes abriam sôfregos o bico para receberem da mãe o alimento.

Gertrudes identificava-se tanto com o que via, que — em sonho — chegou a sentir o gozo inefável da mãe que administra o sustento aos filhos. As cabeças penujentas dos pássaros do ninho — que graça! — já lhe pareciam duas cabecinhas loiras de criança deitadas no mesmo berço!

E o pássaro que chilreava em cima, alcandorado no ramo superior, foi perdendo, pouco a pouco, a forma que tinha e — como a gente vê num quadro dissolvente — foi transformando a cabeça pequenina de ave em uma cabeça de homem, com cabelos anelados, os olhos pretos e vivos, o bigode farto, e um doce sorriso de pai...

E entreviu, então, Gertrudes, através de uma nuvem cor de rosa, em que o seu espírito se embalava, a imagem clara do primo Mateus, que a contemplava, a sorrir!...